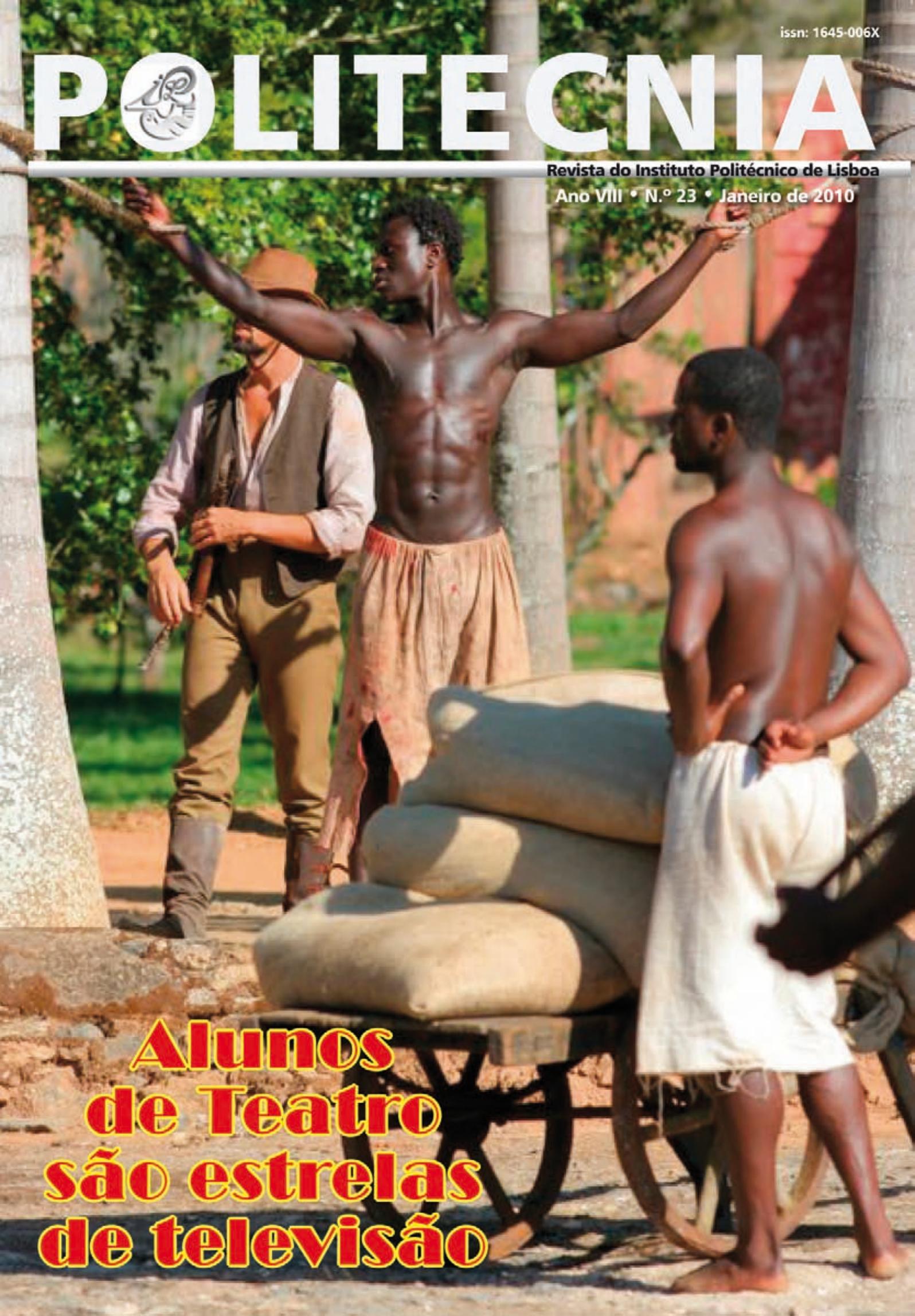


POLITECNIA

Revista do Instituto Politécnico de Lisboa

Ano VIII • N.º 23 • Janeiro de 2010



**Alunos
de Teatro
são estrelas
de televisão**

10

O traje académico criado especificamente para o Instituto Politécnico de Lisboa vai figurar obrigatoriamente em todos os actos solenes da instituição. A toga caracteriza-se pela sobriedade da cor negra, com o toque de diferenciação dado pelas cores nas mangas e no macho das costas. O IPL adoptou também uma heráldica própria, cujas armas identificam as áreas do saber.



18

O maestro Pedro Moreira, responsável pelo novo curso de jazz da Escola Superior de Música de Lisboa, é o entrevistado desta edição da *Politecnia*. "O ensino da música deve ser para todos", defende o docente que ajuda os alunos a encontrarem a originalidade da sua forma de expressão, a partir do seu talento individual.

30

Orion's Belt, o jogo on-line, imaginado e concebido por três alunos formados pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, faz furor no mercado de videojogos português onde estamos a dar os primeiros passos. Os estudantes do Instituto Politécnico de Lisboa têm acesso facilitado ao jogo.



44

O actor Welkett Bangué, aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema, é uma das estrelas da série televisiva "Equador", emitida pela TVI. A par de Welkett Bangué, outras caras conhecidas do pequeno écran são seus colegas na escola do IPL. É o caso de Rita Seguro, Lia Carvalho, Sara Matos e Cláudia Semedo. Esta última, aluna do curso de Jornalismo da ESCS.

Sumário

- 5** [Parar Para Pensar](#)
L. M. Vicente Ferreira
- 6** [Ronda das Escolas](#)
- 10** [O Acontecimento](#)
Armas e Traje Académicos do IPL
Jorge Silva
- 14** [Empreendedorismo](#)
200 candidaturas ao Poliempreende
Francisco Costa Pereira
Empresário unido ao ISEL
Margarida Jorge
- 18** [A Grande Entrevista](#)
Pedro Moreira e o ensino artístico
Clara Santos Silva
- 27** [História de Sucesso](#)
Margarida, a maestrina
Jorge Silva
- 30** [Novo e Interessante](#)
Orions Belt: jogo online de sucesso
Vanessa de Sousa Glória
- 34** [Profissão](#)
Pedro Ramos: o corpo como expressão
Clara Santos Silva
- 42** [Mala Diplomática](#)
Parcerias Internacionais da ESTeSL
Bárbara Gabriel
- 44** [Reportagem](#)
Actores escolhem escolas do IPL
Vanessa de Sousa Glória
- 54** [Em Foco](#)
BD volta ao Teatro e Cinema
Paulo Silveiro
O herói Aristides de Sousa Mendes
José Ruy
- 60** [Um caso exemplar](#)
Contos com música...
Sérgio Azevedo
- 63** [Estante](#)

ESTATUTO EDITORIAL

1. A revista Politecnia é uma publicação trimestral, editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, que assegura e disponibiliza informação de referência sobre a vida do IPL e a actividade das oito escolas que o integram;
2. A Politecnia respeita a Constituição da República e as leis que se enquadram nos direitos, obrigações e deveres da Imprensa, tendo em conta o Código Deontológico dos jornalistas. E compromete-se a respeitar os direitos e deveres inerentes à liberdade de expressão e ao direito a ser informado, observados que sejam os princípios consignados neste Estatuto Editorial;
3. A Politecnia rege-se por critérios de rigor e honestidade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica, no respeito integral pelos Estatutos e a Lei Orgânica do IPL;
4. A Politecnia elege como público de referência as instituições (económicas, políticas e sociais) da sociedade civil e o corpo docente das oito escolas do IPL, e os alunos, pais e educadores em geral;
5. A Politecnia quer contribuir para a unidade do IPL e a afirmação da sua cultura própria, em prol do desenvolvimento em Portugal de um Ensino Superior de qualidade, apostado na qualificação profissional dos alunos;
6. A Politecnia diferencia os artigos de conteúdo opinativo dos artigos informativos e reserva-se o direito de interpretar e comentar, nos seus espaços de opinião, os factos e acontecimentos de âmbito educativo que se relacionem com a sua actividade;
7. A Politecnia está aberta à colaboração de todos os docentes do Instituto Politécnico de Lisboa que tenham contributos, no domínio da Educação, importantes que queiram partilhar;
8. A Direcção da Politecnia reserva-se o direito de não publicar a colaboração não solicitada, que considere não ter a qualidade pretendida;
9. A responsabilidade dos textos publicados é inteiramente assumida pelos seus autores;
10. A Politecnia participa no debate dos grandes temas da actualidade educativa, relacionados com o Ensino Superior, tendo em vista a discussão de questões de interesse para o IPL e a troca de ideias entre aqueles que se preocupam e dedicam ao seu desenvolvimento e prestígio.

POLITECNIA

Ano VIII Número 23 Janeiro 2010

Director

L. M. Vicente Ferreira

Editor

Orlando Raimundo
O Correr da Pena

Redactores

Bárbara Gabriel, Clara Santos Silva, Jorge Silva, Margarida Jorge, Paulo Silveiro, e Vanessa de Sousa Glória

Fotografia

André Fonseca, Bruna Viegas, Cpyoga, Débora Rodrigues, João Costa (Funcho) - Cortesia Fado Filmes, José Frade, LBf, Pedro Pina, Rosa Reis, Sofia Gomes, Arquivo Teatro Aberto e TVI

Correspondentes

Ana Raposo e Cláudia Guerreiro (Tecnologia da Saúde), João Costa (Dança), Lucy Wainwright (Educação), Luísa Marques (Teatro e Cinema), Margarida Saraiva (Teatro e Cinema) e Maria João Berkeley Cotter (Contabilidade e Administração)

Colaboradores Permanentes

António Serrador, Luís Osório, Luísa Marques, Manuel Esturrenho, Paulo Morais-Alexandre e Sérgio Azevedo

Colaboradores

Francisco Costa Pereira e José Ruy

Grafismo e Paginação

Orlando Raimundo (coordenador), Clara Santos Silva, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Propriedade

Instituto Politécnico de Lisboa
Estrada de Benfica, 529
1549-020 Lisboa
Telefone: 217 101 200
Fax: 217 101 236
e-mail: gci@sc.ipl.pt
site: www.ipl.pt

Redacção, Admin. e Publicidade

Estrada de Benfica n.º 529
1549-020 Lisboa

Impressão

Tipografia Peres, Rua das Fontainhas, Lote 2 Venda Nova
2700-321 Amadora
Depósito Legal- 158054/2000
ISSN- 1645-006x

Tiragem: 4 000 exemplares

Capa:

Vanessa de Sousa Glória (arranjo gráfico), a partir de um plano da série televisiva "Equador", com o actor Welkett Bunguê

O contrato de confiança

NO PASSADO dia onze de Janeiro o Governo, através do Sr. Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, subscreveu com as instituições públicas politécnicas e universitárias, um contrato de confiança que visa o lançamento de um programa especial para o desenvolvimento do ensino superior.

Este programa especial garante um aumento da dotação orçamental das instituições, questão crucial face ao agravamento da escassez de recursos financeiros, desinteresse e desmotivação que se vinham a acumular nos últimos anos. O compromisso assumido pelo governo nesta matéria pressupõe que nos próximos quatro anos haja um acréscimo de 100 milhões de euros por ano do Orçamento de Estado para o ensino superior.

O orçamento de cada instituição viu assim reforçado, já para o exercício de 2010, a sua dotação orçamental. Contudo, este contrato de confiança exige dos estabelecimentos públicos de ensino superior um conjunto de compromissos que garantam “uma resposta pronta e sustentável às necessidades do País e aos seus novos desafios, em matéria de emprego e competitividade” dos quais destacamos:

a) O aumento da qualificação superior dos portugueses;

b) A melhoria do insucesso escolar.

O primeiro compromisso, que visa aumentar a actual população estudantil em 100.000 novos alunos, de modo a melhorar, ao nível das qualificações superiores, os



L. M. Vicente Ferreira

Há muito que acreditamos e defendemos a aposta no ensino superior como um vector fundamental e, porventura, o mais prioritário para Portugal ganhar o futuro

rácios nacionais (15%) em termos comparativos com a média da OCDE (27%), é um objectivo, a nosso ver, fundamental para o aumento dos índices de competitividade e desenvolvimento socioeconómico do país, dado que potencia o nosso maior recurso, os portugueses, através do desenvolvimento das suas capacidades cognitivas e melhoria das suas qualificações nos

domínios científico, tecnológico e cultural. Este objectivo concretizar-se-á através da implementação de um novo paradigma educacional que se traduz, entre outros aspectos, na criação de novos públicos, aumento de formações especializadas, aposta no ensino à distância e oferta de programas de formação contínua de activos.

O segundo compromisso, que visa atingir 80% de sucesso escolar no ensino superior, pretende colocar Portugal em linha com os países mais desenvolvidos a nível mundial. É claramente um objectivo ambicioso, que vai obrigar a vencer muitas resistências e, sobretudo, a mudar mentalidades e conceitos de qualidade de formação.

Estamos globalmente de acordo e também defendemos os princípios que orientam este contrato de confiança. Por isso, o Instituto Politécnico de Lisboa tudo fará para cumprir a sua parte nos compromissos assumidos. A atestá-lo está, desde logo, o documento assinado por todos os responsáveis das unidades orgânicas do Instituto Politécnico de Lisboa, a que designámos de compromisso de sustentabilidade e desenvolvimento, no qual estão vertidas as principais linhas orientadoras do contrato de confiança. Fizemo-lo de forma convicta, porque há muito que acreditamos e defendemos a aposta no ensino superior como um vector fundamental e, porventura, o mais prioritário para Portugal ganhar o futuro.

Estudantes solidários com os pobres

A ESCOLA Superior de Comunicação Social uniu-se aos Objectivos para 2015 dos profissionais de Organizações da Sociedade Civil, empenhados em promover “mudanças a favor dos mais desfavorecidos”, através de um curso Intensivo de “Advocacia Social”.

A Comunicação para a Advocacia Social é uma forma de comunicação focada na consciencialização de vários agentes sociais, destinada a gerar mudanças sociais favoráveis a grupos desfavorecidos. Nesta formação, os objectivos foram: “demonstrar a importância da comunicação na mudança social; capacitar o planeamento de iniciativas de advocacia social; e melhorar as competências para comunicar em cenários complexos”.

Os participantes deste curso tiveram a oportunidade de ouvir e aprender com a experiência dos oradores convidados. O painel possuía uma reconhecida experiência nos temas da comunicação estratégica, comunicação para a advocacia social e activismo de base tecnológica. Mafalda Eiró-Gomes, docente na ESCS; Paolo Mefalopulos, senior communication officer na Divisão de Comunicação para o Desenvolvimento do Banco Mundial; Alexander Steed, jornalista freelancer, activista e consultor de gestão de comunidades online; Gregory Payne, professor no Emerson College; e Gerard Lemos, sócio da Lemos & Crane, fizeram parte deste painel.

Mariana Hancock, da Fundação Gonçalo da Silveira, afirma que “o Curso de Advocacia Social foi uma excelente oportunidade para conhecer especialistas na área da comunicação que, através de intervenções ricas e diversificadas, nos levaram a repensar a forma como comunicamos enquanto pessoa individual e/ou colectiva”. Para esta participante, este tipo de formações devem ter continuidade, dada a sua importância para as organizações da sociedade civil. “Considero que os temas abordados foram muito interessantes e que a sua abordagem contribuiu de forma muito positiva para o exercício da minha actividade profissional”, refere.

A Escola enquanto

“A Escola deve ser um espaço de pensamento crítico”, ajuizou Laborinho Lúcio, no decorrer da conferência que proferiu perante os alunos da Escola Superior de Educação de Lisboa. Sob o tema “De pequenino se torce o Destino” o antigo Ministro da Justiça falou sobre a escola/família os direitos e os deveres na prevenção do risco.

Textos de Paulo Silveiro

PERANTE um auditório cheio de alunos e professores, a presidente do conselho científico da Escola Superior de Educação de Lisboa, Teresa Vasconcelos, apresentou Laborinho Lúcio como uma referência ao nível da ética, justificando a sua presença na Escola, no seguimento dos cargos que o ex-ministro tem ocupado, em organizações não governamentais que trabalham com crianças e jovens em risco.

Laborinho Lúcio começou por destacar a importância dos alunos, ao iniciarem a sua actividade profissional, possuem dúvidas e incertezas e não terem a vaidade de pensarem já saber tudo. O grande desafio, que os futuros professores vão encontrar, está na forma como vão educar as crianças que lhes vão ser confiadas. E é nesse acto de ensinar, que é difícil mas belo, que os jovens devem encontrar a sua vocação de uma forma responsável.

Laborinho Lúcio deu especial destaque à importância de os alunos conhecerem o conteúdo da Convenção das Nações Unidas sobre os direitos das crianças, que foi aprovada em 1989. A partir desta data a criança, que anteriormente era um objecto de protecção, passou a ser um sujeito de direito. Aqui Laborinho Lúcio levantou a questão de se saber quais eram esses direitos. Esta é uma pergunta que ainda não tem resposta. Para o conferencista as teses existentes comungam do mesmo erro, ou seja, aplicam os direitos existentes às crianças, não partindo da criança para os direitos que têm que passar a existir para ela ser um sujeito.



Laborinho Lúcio aos futuros professores: "A escola

Laborinho Lúcio passou seguidamente à abordagem de alguns princípios que considera fundamentais na Convenção das Nações Unidas sobre os direitos das crianças. São eles o direito à não discriminação e o direito à participação, que concede à criança o privilégio de se fazer ouvir e que a sua opinião seja tomada em conta. É aqui que, para Laborinho Lúcio, os alunos da ESELx devem ter atenção na forma como ouvem as crianças. Devem procurar processos que lhes permitam entendê-las, até porque quanto mais se sabe sobre as crianças mais se tem a consciência do que ainda falta saber. Outro direito é o da alteridade, ou seja a criança é um ser autónomo e completo como pessoa e por isso é um outro. E a existência desse outro obriga ao diálogo com a criança. É neste ponto que se cruzam a prática e a teoria, Laborinho Lúcio afirma que, teoricamente tem de se saber como fazer isto para na prática se saber

espaço de pensamento crítico



Foto de Pedro Pina

o do superior interesse da criança. Este aspecto tem estado muito em foco, nos casos em que o tribunal tem de decidir a atribuição da custódia das crianças que não vivem com os pais biológicos. Laborinho Lúcio defende que, nestes casos, o importante é resolver o problema a partir da criança, criar o seu perfil e decidir o que será melhor para ela. A criança não pode ser um objecto de disputa dos adultos. O ex-ministro considera igualmente importante definir quais são os direitos exclusivos da criança, que podem ser divididos em três grupos. Os relativos ao ser criança, que incluem a proibição do trabalho infantil, a excessiva e precoce responsabilização para aspectos sociais, o direito à felicidade, aqui encarada como o conjunto de responsabilidades do adulto que permitam à criança o acesso ao ensino, a prestação de cuidados de saúde e o afecto que lhe deve demonstrar e o direito de brincar. O segundo grupo de direitos da criança é o de pertencer a uma família, à escola e à comunidade. A família deve ser o objecto do direito da criança, nem sempre o casal de progenitores é uma verdadeira família, é necessário a “adopção” do ser que se produz numa aquisição de pertença afectiva recíproca.

“não deve discriminar as crianças por a família não cumprir com as suas responsabilidades”

como se faz. E é na compreensão e aplicação destes conceitos que os alunos da ESELx vão ter sucesso ou insucesso na sua relação com as crianças. O juiz conselheiro considera que, ao contrário de

certas teses actuais, a criança não é um ditador, e as suas opiniões devem ser escutadas e compreendidas.

Outro princípio fundamental, presente na Convenção das Nações Unidas, é

Aqui, Laborinho Lúcio não fugiu à polémica da adopção de crianças por parte de casais homossexuais, diplomaticamente o juiz conselheiro referiu que, o importante é se o casal, independentemente da sua tipologia, tem condições para respeitar o superior interesse da criança.

A importância da educação para autonomia

PARA Laborinho Lúcio o modelo a seguir, pela escola, é a educação para a autonomia, incentivando uma forma de viver criticamente na complexidade e na diversidade, e na solidariedade, aqui entendida como a procura do sentido de cada um nos outros.

A escola deve formar para a aquisição de novas competências, mas também deve ensinar a pensar, assumindo-se como um espaço promotor do pensamento crítico. Para isto ser con-

cretizável, é necessário que o estabelecimento de ensino integre todos os alunos no seu espaço, para que eles sejam sujeitos activos no processo educativo e assumam o desafio da representação.

Por fim foi abordada a importância da educação e a arte no interior da escola. O antigo ministro pediu, aos alunos da ESELx, que formem públicos para a arte, que fomentem a capacidade dos alunos para discutir tendências, e que lhes inculquem um sentido crítico e uma dimensão artística.



Foto de Pedro Pina

Estudantes ao volante

O INSTITUTO Politécnico de Lisboa e a Publracing assinaram um protocolo para que os alunos das escolas do IPL possam participar no projecto “Desafio Seat by Vodafone”. A iniciativa, que já vai na sua 4.ª edição, vai proporcionar a 400 alunos, de 20 Instituições de Ensino Superior previamente seleccionadas, a possibilidade de experimentarem em primeira-mão as sensações da verdadeira competição automóvel.

A organização vai premiar os quarenta melhores pilotos, dois por Instituição, com cursos de Pilotagem e com a participação numa corrida a realizar no Circuito do Estoril ao volante de um Seat Leon 2.0 TDI. Esta oportunidade está aberta a qualquer aluno das Instituições de Ensino Superior, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, que tenham carta de condução válida e que nunca tenham participado em competições automóveis (excepto karting e kartcross). As inscrições, que fecharam no passado dia 15 de Janeiro, decorreram de forma competitiva, através da qualificação num jogo on-line, e foram feitas através do site, onde participaram 289 alunos do IPL.

Passada a difícil e exigente fase de selecção, nos Kartódromos de Palmela e Braga, dos 400 participantes serão apurados os 40 grandes vencedores, que frequentarão o referido curso, destinado a promover a segurança em pista, ao mesmo tempo que prepara os jovens para as diferenças de condução em estrada e em circuito.

A 17 de Abril realiza-se uma corrida de resistência, no Circuito do Estoril, onde os estudantes poderão as suas capacidades desportivas. A corrida visa ter a duração de uma hora e dois pilotos de cada Instituição irão partilhar um mesmo carro, devendo a trocar processar-se a meio da prova.

Alunos de Publicidade e Marketing premiados pela Amnistia Internacional



A AMNISTIA Internacional recebeu, na sua sede em Inglaterra, Mafalda Quintela e Cristiano Molha, alunos de Publicidade e Marketing da Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

A Inglaterra surgiu no seio da Busy-net, uma Associação Europeia de Ensino Superior à qual a ESCS pertence. O professor António Belo e a professora Maria Emília Sousa, representantes do grupo de trabalho na área da comunicação, consideraram que seria interessante criar um trabalho que envolvesse os alunos das instituições que pertencem a esta associação. Assim, surgiu a ideia de fazer uma campanha para a AI: um outdoor, 30 segundos de publicidade para televisão e um anúncio para um jornal. Tudo sob o tema da Violência sobre as Mulheres. Deste trabalho resultaram vencedoras a equipa de Mafalda e a equipa de Cristiano. “O prémio foi a viagem e a apresentação das campanhas na AI com sede em Londres”, conta Cristiano.

“Quando preparámos as campanhas não o fizemos só para um país. As campanhas foram concebidas em termos globais de forma a serem adaptadas. Assim, a AI pode utilizar as nossas ideias e aplicá-las em qualquer país”, explica Cristiano. “Antes de apresentarmos, pensá-

vamos que a AI tinha expectativas muito altas, e que talvez fossemos apresentar uma coisa que não era tão profissional como aquilo a que estavam habituados. Mas foi o contrário. Ficaram surpreendidos! Acharam que preparámos tudo muito bem, que tínhamos feito pesquisa e que pensámos em tudo ao pormenor. Ficaram muito interessados!”, conta Mafalda com um grande sorriso. A apresentação das campanhas decorreu num ambiente descontraído. “O que foi bom para nós porque nos ajudou a ficar mais tranquilos. Tínhamos aquela ideia de que íamos apresentar a uma sede internacional, e estávamos nervosos. Mas foram muito simpáticos e extremamente prestáveis”, afirma Mafalda. Durante a concepção e elaboração deste trabalho apresentado à AI, Mafalda e Cristiano contaram com o apoio de colegas e docentes da ESCS. “Tivemos o apoio de professores da escola: Helena Pina, Rosário Correia, Lucília José Justino, Maria Emília Sousa e António Belo. Eles ajudaram-nos e apoiaram-nos sempre”, afirma Mafalda. A escola orgulha-se de ter alunos que, como Mafalda e Cristiano, enfrentam os desafios que os levam a ser bons profissionais.

Serão de Contos na Escola de Educação

OS CONTADORES do Projecto Histórias de Ida e Volta (Cláudia Fonseca, António Gouveia, Antonella Girardi e Helena Gravato), da Biblioteca Municipal de Oeiras, estiveram na Escola Superior de Educação de Lisboa, em Dezembro, para um Serão de Contos.

A iniciativa contou ainda com a participação da Professora Maria Encarnação Silva e do aluno Matia Losego, do 2.º ano da Licenciatura em Animação Sociocultural, também ele contador do programa.

Este evento foi uma iniciativa do 1.º ano da turma pós-laboral de Animação Sociocultural e teve o apoio dos docentes das unidades curriculares de Literatura de Expressão Portuguesa, Oficina de Expressão Plástica, Expressão Corporal e Vocal e Expressão Oral e Escrita da respectiva turma. Houve ainda a participação da turma do 2º ano pós-laboral de ASC. A realização do serão visou dar a conhecer outro tipo de actividades ligadas à leitura e à narração oral com interesse para a formação em Animação Sociocultural.

Para o projecto Histórias de Ida e Volta foi mais uma oportunidade para dar voz à palavra, recuperando os tradicionais serões de contos como espaço de partilha e diálogo.

A narração de histórias foi desde sempre uma técnica de transmissão de conhecimentos e sabedorias, e ao mesmo tempo puro e simples entretenimento.

Reconhecendo a importância que a narração oral teima em assumir,



retomamos a perspectiva de Meireles (1998:7) que afirma que “o conto popular que, nos primórdios, não era considerado narrativa para a infância e juventude mas sim para um público alargado caracterizava-se por ser uma narração presencial e afectiva. Quem geralmente o contava eram as amas, as avós, os escravos, as pessoas mais velhas ou aqueles que ao longo dos tempos se destacavam como bons contadores, capazes de captar e manter a atenção dos ouvintes com quem criavam, por vezes, espaços de diálogo”.

Num ambiente muito acolhedor, à luz de velas e, como pano de fun-

do, algumas peças escultóricas do presépio realizadas pelos alunos de ASC, na unidade de Expressão Plástica, o serão iniciou-se com a leitura colectiva, por parte da assistência, de um excerto do poema “O limpa palavras e outros poemas”, de Álvaro de Magalhães. Desta forma, foi dado o mote para o início de um excelente serão, em que pequenas histórias foram contadas de uma forma simples, informal e intimista, tendo sido notória a interacção entre o público e os contadores.

Os espectadores foram confrontados com pintos pançudos, com princesas, com pássaros que afinal eram príncipes, com a filha do Sol e com muitos outros seres, imaginários ou não, que povoam não só as histórias de origem portuguesa, como também as de origem moçambicana e angolana.

A voz, o gesto e a palavra tiveram uma importância preponderante na medida em que o público foi conhecendo diversas formas de narrar e de apresentar contos de um modo autêntico e, muitas vezes, surpreendente. Tal poderá ter levado alguns a descobrir o “eu” contador que se esconde no seu íntimo.

Regresso à infância

A NOITE de contos na Escola Superior de Educação de Lisboa deslumbrou, tendo os contadores conseguido orientar uma viagem no tempo, um retorno àquela infância em que se ouvia constantemente histórias de encantar. Os contadores, em conjunto com o público, souberam encantar a própria noite.

No fim do serão, houve café e chá, acompanhados de bolo-rei e

conversas amenas que reflectiam sobre a necessidade de voltar a trazer para o meio de pequenos e grandes contos e mais contos magistralmente contados.

Os serões de contos poderão tornar-se uma boa prática, dentro e fora da Escola, como todas aquelas a que a Escola Superior de Educação de Lisboa desde cedo nos acostumou.

A exemplo das grandes instituições europeias

Instituto Politécnico de Lisboa adopta Armas e Traje Académico

Seguindo a tradição das grandes Instituições de Ensino Superior europeias e cumprindo o que está estipulado no artigo 7.º dos seus estatutos, o Instituto Politécnico de Lisboa vai adoptar "emblemática e trajes próprios". O objectivo é conferir mais dignidade aos actos solenes da vida do IPL, como a posse do Presidente, a Abertura Solene dos Anos Lectivos ou o Dia do Instituto.

Textos de Jorge Silva



A EMBLEMÁTICA do Instituto Politécnico de Lisboa esteve resumida durante muito tempo a um logótipo que servia para timbrar papel, mas que não tinha a dignidade institucional que a heráldica que lhe pode dar. Foi esta situação que levou Paulo Morais, professor da Escola Superior de Teatro e Cinema e que se encontra

a realizar um doutoramento em heráldica corporativa, a propor ao presidente do IPL a apresentação de uma proposta nesta área para ser uti-

lizado nas situações que exijam uma certa solenidade.

Para Paulo Morais existe uma confusão entre a heráldica e os lo-

José Colaço desenhou as armas

JOSÉ Colaço, o maior artista heráldico português, foi o responsável pelos desenhos da heráldica do Instituto Politécnico de Lisboa. O projecto foi sendo desenvolvida por um grupo de trabalho constituído pelo professor Paulo Morais, responsável pela ordenação teórica; pelo Presidente do IPL, Professor Doutor Vicente Ferreira; e pelo vice-presidente, Professor Doutor Mendes da Cruz.

Todos os elementos tiveram um papel activo no desenvolvimento do processo dando contributos úteis para se chegar ao consenso final. Mas para Paulo Morais o desejável seria unificar toda a heráldica do IPL, porque ela é a imagem da Instituição e existem regras que é importante cumprir para existir um conjunto coerente. Actualmente o que existe é um conjunto de logótipos. O Instituto e as unidades orgânicas teriam muito a ganhar se adoptassem uma heráldica integrada.

O Brasão de Armas do IPL é constituído por um Escudo girnado de oito peças de negro e prata, com uma nau entrecambada. O Coronel académico é



composto por um arco liso com virolas nos bordos superior e inferior encimado por quatro lanternas bilícnias acesas, das quais duas são aparentes, O intervalo entre cada duas lanternas bilícnias acesas é preenchido por uma folha de figueira, tudo de ouro.

O Timbre é uma esfera armilar de prata. O grito de guerra, "INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA", está num listel de prata, ondulado, sobreposto ao escudo, em letras de negro, maiúsculas, estilo elzevir.

A Divisa consta num listel de prata, ondulado, sotoposto ao escudo, em letras a negro, maiúsculas, estilo elzevir: "VBI SCIENTIA ET ARS, IBI SAPIENTIA ET PRAXIS".

Por fim os três esmaltes significam a constância e firmeza no ouro, a verdade e a riqueza na virtude e humildade nos procedimentos na prata, e a sabedoria e a honestidade no negro.

Estas armas são usadas na bandeira, no estandarte, no selo e nas medalhas distintivas do IPL.

gótipos que convém esclarecer. A primeira deve manter-se imutável ao longo da vida da instituição como uma herança que defina os valores da instituição, enquanto os segundos podem mudar várias vezes.

Na proposta que apresentou, Paulo Morais teve em conta a cidade de Lisboa, o nome do Instituto e as áreas do saber por ele ministradas. Isso pode-se verificar no Gironado que faz alusão às armas do concelho de Lisboa e à Nau que representa a gesta marítima portuguesa, onde se conjugaram o Conhecimento e a Prática, só possíveis pelo cultivo das Ciências e das Artes, estabelecendo-se um paralelismo com o desiderato do Instituto. A Esfera Armilar remete para as armas nacionais



Paulo Morais concebe Traje Académico



Paulo Morais foi o responsável pelo estudo da Heráldica do IPL

O PROFESSOR Paulo Morais foi o mentor da ideia de propor ao IPL a adopção de um traje académico. Para além dos seus profundos conhecimentos sobre Heráldica, o docente da Escola Superior de Teatro e Cinema é um especialista em História da Moda, ministrando a dramaturgia do figurino, pelo que possuía as condições necessárias para desenvolver este projecto. Paulo Morais analisou as tradições dos trajes académicos em Portugal e no estrangeiro tendo descoberto que já tinha existido um traje académico no ISCAL. Depois de ter idealizado o que pretendia, Paulo Morais conversou com a professora Graça Rodrigues, da ESTC, que criou e executou os protótipos da toga e gorra. O traje caracteriza-se pela sobriedade da cor negra, mas tem o toque de diferenciação dado pelas cores nas mangas e no macho das costas.

O passo seguinte foi a introdução dos elementos distintivos para quem enverga o traje. Assim, através da cor identifica-se a unidade orgânica, sendo que os Serviços da Presidência adoptaram a prata. O grau académico é identificado pela dimensão do canhão das mangas. O

posicionamento na carreira e o cargo são dados pelo número de alamares. Por fim temos a simbologia da gorra que, por um lado remete para a estrutura territorial onde o Instituto está sediado, e os gomos que representam as unidades orgânicas do IPL. O traje deverá ser usado pelos professores do Instituto nas suas solicitações académicas, substituindo os trajes das universidades onde se formaram.

Para Paulo Morais a heráldica e o traje académico podem contribuir para uma identificação das unidades orgânicas com o Instituto, sempre respeitando as tradições de cada uma. O traje do IPL, designado por toga, é uma túnica confeccionada em lã de mistura fina, de negro, tem o corte largo, a frente lisa, fecha a meio por alamares da mesma cor, formados por rosetas com alamar em sirgaria e respectiva travinca, colocados ao nível do peito e cujo número varia de acordo com a situação do professor na carreira. As costas apresentam um macho central com as cores das Unidades Orgânicas que integram o IPL. As mangas, que variam de dimensão de acordo com o grau académico do professor, são largas com 35 cm de boca e têm canhões em cetim com as cores das escolas,

rematado por um galão de prata que simboliza o IPL. A altura deve ficar a 10 cm do chão.

O número de alamares varia de acordo com o cargo e a categoria do professor que enverga o traje. Assim o traje dos professores é decorado no peito com dez rosetas, dez alamares e cinco travincas (caso do Presidente do IPL); oito rosetas, oito alamares e quatro travincas (vice-presidentes); seis rosetas, seis alamares e três travincas (pro-presidentes, presidentes das escolas e professores-coordenadores principais); quatro rosetas, quatro alamares e duas travincas (professores-coordenadores); e duas rosetas, dois alamares e uma travinca (professores-adjuntos).

Também as dimensões dos canhões das mangas têm diferenças consoante a categoria do professor. O doutorado e o especialista tem um canhão com 24 cm; o mestre, um canhão com 10 cm; e o licenciado apenas um galão de prata. Os canhões das mangas e o macho apresentam as cores das Escolas ou Institutos de onde é oriundo o professor. Assim a Comunicação Social é identificada pelo azul claro, a Dança pelo lilás, o azul está associado à Escola Superior de Educação, o violeta à Música, o vermelho ao Teatro e Cinema e à Contabilidade e Administração, o bordeaux à Tecnologias da Saúde e a chamada cor de tijolo à Engenharia.

Os professores que integram a direcção do IPL usam os canhões das mangas e o macho da toga na cor prata. O traje inclui uma gorra em veludo negro, constituída por um tronco de cone invertido rematado, com oito triângulos de prata e oito de negro; e a epitoge de prata. O traje deve ser usado com fato ou saia-casaco escuros e sapatos negros. O traje professoral é de uso obrigatório em todos os actos solenes da vida do IPL, nomeadamente na posse do Presidente, na abertura solene das aulas e no dia do Instituto.



e representa a vocação universal do ensino ministrado no Instituto Politécnico de Lisboa, vocacionado para a expansão e o intercâmbio de experiências e saberes.

Também o Coronel reflecte o que se passa no Ensino Politécnico, e ao contrário do que muita gente pensa não tem uma ligação com a monarquia. Ou seja, a Lucerna Bilícnia representa a luz do ensino correspondendo o número de chamadas às duas vertentes de ensino ministradas no IPL, as ciências e as artes, nas Universidades geralmente existem uns livros, o que se torna mais óbvio e mais vulgar.

A Folha de Figueira, de uma espécie endémica em Portugal, simboliza a aplicação dos conhecimentos que caracteriza o ensino superior politécnico representando as ciências e as artes apoiadas na pesquisa e execução.

O Grito de Guerra "INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA" alude à união do Instituto sob a sua designação e órgãos.

A Divisa "VBI SCIENTIA ET ARS, IBI SAPIENTIA ET PRAXIS" que se traduz por "Onde há Ciência e Arte, há



Sabedoria e Prática" Faz alusão por um lado às duas vertentes do ensino do Instituto, as Ciências e as Artes, mas por outro aponta claramente a sua orientação e vocação expressa na "Lei de Bases do Sistema Educativo" quando se afirma que «O ensino politécnico, orientado por uma constante perspectiva de investigação aplicada e de de-

envolvimento, dirigido à compreensão e solução de problemas concretos, visa proporcionar uma sólida formação cultural e técnica de nível superior, desenvolver a capacidade de inovação e de análise crítica e ministrar conhecimentos científicos de índole teórica e prática e as suas aplicações com vista ao exercício de actividades profissionais».

A importância comunicacional da heráldica

A HERÁLDICA é um sistema de comunicação, que surgiu na idade média, e que começou por ser um sistema de identificar o guerreiro mais importante, geralmente o rei ou o general, na batalha. No seu escudo ele tinha desenhado um elemento que o identificava. Mais tarde, durante o século XII a heráldica passa a identificar a família e o orgulho em pertencer a uma linhagem. É aqui que também surge a simbologia associada a um domínio de um território seja uma cidade uma vila ou um país. Paralelamente nascem a heráldica corporativa que

passou a ser utilizada pelos ofícios, pelas forças armadas, e pelas escolas e a heráldica eclesiástica.

A heráldica é uma arte que funciona na esfera da simbologia e que vai ser codificada. Existem uma série de códigos, alguns dos quais se prendem com a pintura bizantina, e que perduraram até hoje, nomeadamente na limitação do número de cores, não as misturando com os metais.

A heráldica não expressa ideologias, regimes políticos, ou religiões, apenas as identifica.

Mais do dobro de projectos na 7.ª Edição

IPL recolhe 200 candidaturas ao Concurso Poliemprende

O Instituto Politécnico de Lisboa já registou duzentas candidaturas ao Concurso de Ideias Poliemprende, que representam mais do dobro das registadas em 2008, que foram 90. Esta adesão é a demonstração de que o projecto se está a institucionalizar, graças ao trabalho de divulgação das escolas.

Texto de Francisco Costa Pereira





COM o novo ano lectivo 2009/2010 iniciou-se o 7.º Concurso de ideias Poliemprende, coordenado pelo Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Ao nível regional, o Instituto Politécnico de Lisboa lançou o seu concurso que tem a sua primeira fase já concluída. Iniciaram-se em Outubro as candidaturas para o concurso, para todos os que querem ter a formação e o acompanhamento, em todas as fases do processo para a elaboração do plano de negócios. Quem não quiser ter apoio através da formação pode ainda candidatar-se, e entregar o plano de negócios até 26 de Abril de 2010.

Já se realizou a primeira formação que se materializou em vinte e cinco projectos de ideias de negócio, distribuídos por praticamente todas as escolas, e que foram considerados pelo júri dos representantes das escolas como em condições de avançarem para a segunda fase da formação.

Esta segunda fase que se vai realizar entre a última semana de Fevereiro e as duas primeiras de Março vai ter lugar na Escola Superior de Comunicação Social e no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa para preparar os candidatos para o desenvolvimento das suas ideias de negócios e a respectiva materialização num plano de negócios.

Em seguida vamos desenvolver este ano, um apoio mais próximo aos candidatos para a elaboração do plano de negócios, de modo a que o possam entregar a 26 de Abril e efectuem a sua apresentação perante um júri em 7 de Maio.

Para além do concurso de ideias o IPL tem outro objectivo que é o de apoiar os candidatos a materializarem os seus planos de negócios numa realidade empresarial. Para o efeito temos utilizado bastante a plataforma FINICIA do IPL, e até ao momento, mais de metade dos projectos que se

candidataram ao 6.º concurso regional estão a ser apoiados e orientados pelo Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação, para que possam levar a efeito a materialização do seu negócio. Ainda temos um caminho a percorrer neste domínio que é o de criar estruturas no IPL para darmos apoio e podermos acompanhar os primeiros tempos do negócio, e evitar que eles tenham problemas. Tudo indica que a breve prazo isso se materialize, e possamos consolidar mais este processo do empreendedorismo no Instituto Politécnico de Lisboa.

PUBLICIDADE

e-Publica
Solução Integrada de Gestão para a Administração Pública
Financeira (POCF/POCE/POCAL)
Patrimonial
Orçamental
Analítica
CIBE
PIDDAC/FEDER
Gestão de Pessoal
Processamento de Vencimentos
Recrutamento e Selecção
Avaliação de Desempenho
Gestão de Formação
Portal dos Funcionários

ABIE SOLUTIONS
Tecnologias de Informação, SA
www.able-solutions.pt

O exemplo que vem da Marinha Grande

Empresário unido ao ISEL cria incubadora de empresas

Antigo aluno do Instituto Industrial, actual Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Joaquim Menezes, empresário, construiu uma carreira centrada naquilo que de melhor sabe fazer, empreender. Vê na formação ao longo da vida, uma ferramenta essencial para o sucesso. A OPEN, uma incubadora de empresas é a sua mais recente aposta, sempre com o ISEL como parceiro.

Textos de Clara Santos Silva • Fotos de Pedro Pina



Joaquim Menezes nas instalações da incubadora de empresas OPEN na Marinha Grande

DESDE cedo Joaquim Menezes tomou contacto com a indústria. O pai, ligado à área, mudou-se com toda a família da Figueira da Foz, cidade que o viu nascer, para a Marinha Grande, coração da indústria.

Nesta cidade que vê como sua, Joaquim Menezes completou o curso de serralheiros da altura, após o qual se iniciou no trabalho. O estágio e as respectivas secções foram feitos já no

Instituto Industrial, onde concluiu o curso de Electrotecnia e Máquinas, numa altura em que no campo profissional já tinha atingido um bom posicionamento.

O seu ingresso na indústria deu-se em 1963, mais precisamente no dia 3 de Setembro, na empresa Aníbal Abrantes, onde se manteve por muitos anos.

A sua ânsia por novas ideias e novos projectos, levou a que em Setembro de 1975, a par do seu

sócio, Henrique Neto, fundasse a empresa Iberomoldes. Nesta altura, sim, optou por sair definitivamente da Aníbal Abrantes, onde refere que o dia-a-dia já não era fácil. Fala de uma certa "confusão ao nível da administração da empresa, situação pouco razoável entre o relacionamento das hierarquias", recorde-se que na altura era já director técnico, considerando que as decisões de to-

po colidiam em grande parte com o exercício da actividade da empresa.

No interregno entre a saída da empresa que desde cedo o acolheu, e o nascimento de uma nova empresa, agarrou a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos de mecânica através de um estágio de quatro meses realizado nos EUA. Apesar de fisicamente ausente, nunca se desligou da indústria de moldes, tendo sido a área onde sempre procurou adquirir mais formação.

Com o estágio, procurou fundamentalmente aprender algo mais sobre o processo que transpunha a utilização dos moldes por parte dos clientes. Assim, passou a entrar mais a sério na área de injeção. A oportunidade acabaria por fazer com que parasse também para pensar no seu futuro na Marinha Grande.

Fala com entusiasmo da formação que pôde vivenciar, pois permitiu-lhe conviver de perto com a realidade diária de uma empresa de injeção de plásticos, nomeadamente na sua gestão e no contacto com os clientes.

No regresso a Portugal, a Iberomoldes passou a ser a sua prioridade. Pode dizer-se que trabalhou fundando empresas e comprando outras, nomeadamente a Iberoleve, que também surgiu de uma oportunidade que não deixou escapar. Estabeleceu uma parceria com um grupo alemão, em 1993, também na área dos moldes. A 15 de Setembro de 1995 deu-se a inauguração da fábrica e o arranque da produção que ainda hoje se mantém.

Uma das suas estratégias passa por fundar empresas que trabalhem em directa concorrência com outras do mesmo grupo, sempre numa perspectiva construtiva. A filosofia que ainda hoje adopta, é a de que "as empresas devem sentir que têm que viver por elas próprias e não porque estão condicionadas a uma gestão centralizada, funcionam autonomamente".

Por esta via acabou por conseguir entrar na área do produto, algo que já vinha ambicionando fazer, e que sempre considerou fundamental na área de ferramentas e moldes.

Em todo o seu percurso nunca esqueceu a formação contínua, porque acredita que é importante transmitir



Joaquim Menezes com o presidente do ISEL, José Carlos Quadrado

aos outros, não só conhecimentos mas também experiência de vida.

Acabou por nunca concluir a licenciatura, porque nunca teve essa necessidade. Na altura do Instituto Industrial a formação era bem diferente. E, na verdade, desde os seus 19 anos de idade tem funções de gestão dentro das empresas, tendo participado desde novo nas reuniões de revisões salariais. A responsabilidade chegou muito cedo, em parte pela sua história de vida. Vê na vinda da Figueira para a Marinha Grande, na altura conotada como uma zona industrial de proletariado, um choque que fez com que fosse confrontado com realidades diferentes. Aqui pensa residir em grande parte a sua formação como pessoa. Com o tempo viria a interessar-se também por questões sociológicas, muito pelo grau de maturidade que atingiu desde muito cedo, também devido à realidade que se vivia na época.

Demonstra no seu discurso a sua grande vontade de dar aos outros aquilo em que foi privilegiado, pois também ele aprendeu tudo com as suas chefias.

A sua experiência nas áreas tecnológicas foi algo que aconteceu naturalmente, pois as tecnologias eram o seguimento lógico. Actualmente, a sua actividade centra-se mais na gestão e visão sobre os negócios e não tanto na engenharia. Não consegue descrever o entusiasmo que sente ao

aprender aquilo que um gestor deve saber sobre as tecnologias. Relembra a importância de uma organização ter que se reinventar todos os dias. Continua ligado à produção de produtos manufacturados e à emergência das tecnologias trabalhando no sentido de ajustá-las à competitividade.

Vê na sua carreira tudo aquilo que os pais lhe transmitiram, que "aprender para ser era a saída".

O seu percurso de vida, considera que tem sido uma corrente de pequenos e grandes projectos. Uma rede de amigos pelo mundo inteiro que fazem com que encontre formas de entretenimento sempre ligadas com o passar e receber ensinamentos de outros. Sempre viu nas ideias de outras áreas uma forma de serem aplicadas a muitas outras situações.

No ensino vê a saída para o futuro dos jovens, e talvez por isso nele tenha centrado um dos seus últimos projectos, um colégio em que a entrada se dá aos três meses e a saída directamente para as universidades. Um estabelecimento de ensino que aposta numa formação bilingue, e em que os professores vêm no ensino uma missão que é a de preparar os alunos para a vida e para as opções de futuro.

Os projectos, esses vão continuar pois considera estar longe o momento em que irá abrandar o ritmo, nos seus olhos o brilho surge a falar do futuro, pois esse trará sempre algo de novo.

O maestro Pedro Moreira e o ensino artístico

“As crianças que estudam música têm rendimento escolar superior”

Responsável pelo recém-criado Curso de Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa, o maestro Pedro Moreira diz que o novo edifício da prestigiada escola do IPL, no Campus de Benfica, tem potencial para se assumir a curto prazo como a Casa de Música de Lisboa. Entusiasta da profissão que abraçou, o docente chama a atenção de todos para o facto de as crianças que estudam música terem rendimentos escolares superiores.’

Entrevista conduzida por Clara Santos Silva • Fotos de Pedro Pina



POLITECNIA – Pode aplicar-se ao jazz a frase “primeiro estranha-se, depois entranha-se”?

PEDRO MOREIRA – Acho que sim, sobretudo se formos fazer um levantamento quanto à forma como nós, os músicos de jazz, os amantes de jazz, fomos parar ao jazz. Haverá, pela certa, imensos percursos e histórias diferentes. Tem tudo muito a ver com uma sensibilidade inata para este tipo de música. E muitas vezes questões de

background musical familiar, que nos mostram esse tipo de música.

POL. – Está a falar de contacto, conhecimento.

P. M. – Estou a falar de algo fundamental que falha no nosso país, que é sermos expostos a este tipo de música. Sabemos que o jazz está em expansão no nosso país, desde há 15 anos, mas temos que o ir procurar. Eu comecei a ouvir jazz quando era miúdo. De certa forma, nessa época era

mais fácil encontrá-lo sem querer do que actualmente.

POL. – A importância do meio familiar?

P. M. – Isso. No meu caso, tive o tal background familiar que me atirou para esse tipo de música e, por coincidência houve um interesse dos meus irmãos pelo estilo. Com 11, 12 anos começámos a tocar o género e tínhamos um “luxo” que era o de chegar a casa e termos um grupo. Lembro-me que apesar de ter em ca-

O maestro que não escolheu ser músico

SAXOFONISTA e Compositor, maestro, arranjador e professor, Pedro Moreira é, sem dúvida, uma referência no meio jazzístico português. O actual responsável pela área da Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa, diz nunca ter escolhido ser músico. Aos 12 anos começou a estudar saxofone e nunca mais parou. Com os irmãos Bernardo e João, formou em 1985, o grupo Moreiras Jazztet, contando com actuações em festivais nacionais e internacionais. Chegaram a gravar o trabalho “Luandando”, com o trompetista Freddie Hubbard e ainda hoje se juntam. Formou entretanto o seu próprio grupo, um quinteto, cujo projecto de originais já foi apresentado em vários eventos, entre eles, no festival de Jazz de Atenas, Grécia.

Desde 1991 que dirige a Big Band do Hot Clube de Portugal, tendo realizado vários concertos e a gravação de um trabalho em CD, com a participação de Benny Golson, Eddie Henderson e Curtis Fuller. Tem um projecto próprio, mas toca com regularidade com o Septeto do Hot Clube, bem como em vários grupos de jazz. Fundou entretanto, com o também saxofonista Jorge Reis, o Ensemble de Saxofones do Hot Clube.

Com as dificuldades do ensino da música em Portugal, onde passou pelo Conservatório, a opção foi o estrangeiro. Em 1996, aos 26 anos, ao conseguir uma bolsa procurou em Nova York mais formação. Em 1998 conclui



Foto de Rosa Reis

a Licenciatura em Jazz e Música Contemporânea, na New School University, seguindo-se em 2000, o grau de Master of Music, em Composição Clássica, no Mannes College of Music. Em paralelo com a formação foi desenvolvendo a sua actividade como assistente musical e arranjador no CD de Herbie Hancock “Gershwin’s World”, premiado com três Grammy’s, entre outros trabalhos. Em 2000, num concerto dedicado ao “cross-over” orquestral, a Orquestra Filarmonica de Estugarda executou uma orquestração sua. Na altura, colaborou com uma série de outras figuras do jazz e foi assistente musical do maestro Robert Sadin.

Como Maestro, em 2003, formou e dirigiu a Big Band Nacional da Juventude, com o apoio do Ministério da Cultura. E, em 2004 foi convidado

pelo European Jazz Youth Orchestra para dirigir e compor.

Na área da direcção passou pelo Ensemble Moderno do Conservatório Nacional de Lisboa e pela Orquestra Metropolitana.

É director artístico do Festival de Jazz da Alta Estremadura, director musical da Orquestra Experimental AngraJazz e da Orquestra Jazz do Conservatório da Madeira.

Como arranjador já colaborou com figuras da música portuguesa, entre as quais, Pedro Abrunhosa, Carlos do Carmo e Rodrigo Leão.

No campo da composição, Pedro Moreira conta com temas como “Canções do Rio Profundo”, para soprano e orquestra de câmara; duas peças para o grupo britânico Apollo Saxophone Quartet, e a mais recente, a peça “Outonais”, para o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa.

O ensino está sempre presente, e para além de exercer funções na Escola Superior de Música de Lisboa, é director pedagógico da Escola de Jazz Luís Villas – Boas, do Hot Clube. É professor da licenciatura em música do Instituto Piaget, bem como no Conservatório Nacional. Foi ainda membro do Conselho Consultivo da European Jazz Youth Orchestra entre 1999 e 2001. Em 2002, fez parte de uma comissão nomeada pelo Ministério da Educação, para elaborar o programa da disciplina de Cultura Musical do 12.º ano. Paralelamente vai desenvolvendo workshops de Jazz por todo o país.

sa uma colecção de discos, ainda em vinil, do meu pai, tínhamos uma zona da estante que era misteriosa. O nosso pai nunca nos forçou a nada. Era mais a nossa curiosidade em saber que discos eram. Lembro-me de ter 11 anos, já tocar saxofone e jazz e, havia discos que adorava, particularmente um de Charlie Parker em que adorava uma faixa e odiava as seguintes, porque não as conseguia entender. Era um mistério absoluto, mesmo para nós que já estávamos dentro do jazz. Sim, começamos por estranhar e a seguir entranhar.

POL. – O que é afinal o Jazz?

P. M. – O jazz tem uma definição muito complexa, e partindo do princípio que tem uma definição que ainda está por provar. Num contexto específico, social e histórico, vamos tentar definir o jazz como um tipo de música que está associada a uma certa comunidade e a um tipo de cultura que nasce e se desenvolve no sul do Estados Unidos, por influência directa da tradição oral africana. Estamos por isso a falar de descendentes de várias gerações de escravos, mas que na viragem do séc. XIX para o Séc. XX já são americanos, muitos deles em quarta, quinta e sexta geração, outros mais recentes. Essas pessoas vieram do comércio de escravatura entre África Ocidental e os Estados Unidos. A seguir à guerra civil americana dá-se no papel a abolição da escravatura, mas na prática foi bem mais complicado. Neste tipo de música temos uma influência muito forte da música africana, sobretudo ao nível de certo tipo de improviso e de abordagem rítmica, mas não é só isso, se fosse apenas esta a explicação, em África iríamos encontrar mais jazz. É a junção da componente africana com elementos da música clássica, nomeadamente os instrumentos, forma e harmonia. Os músicos de jazz americanos, negros, descendentes de escravos, começaram a ter acesso aos instrumentos, nomeadamente após a guerra civil por causa das bandas militares que se desmembraram. De repente, temos os cornetins, os clarinetes, os saxofones e, começam a utilizar o instrumento nobre por excelência, o piano. A partir daí surge toda a influência

da música clássica, sobretudo ao nível da forma e da harmonia. É desta mistura que nasce o jazz.

POL. – Depois da História, como está o jazz actualmente?

P. M. – Actualmente o Jazz é muito mais complexo que isso. Comparando com a música clássica, o jazz teve uma evolução muito rápida, apesar de ser um seu herdeiro indirecto. Mas, as diferentes fases, pelas quais, a música clássica passou ao longo de 400,



As pessoas que vêm parar ao jazz é porque encontram nele uma capacidade muito forte de expressão pessoal

500 anos passando por um certo tipo de melodia com canto gregoriano, com outro tipo de organização. O Jazz fez tudo em 80 anos, bebeu todas as influências da música clássica.

POL. – O jazz dos tempos modernos é uma mutação positiva ou é um desvio?

P. M. – A minha teoria é que as mutações são sempre positivas. Há muita gente que diz que o jazz moderno é fantástico pelas suas características, mas há quem diga que está a perder a sua qualidade e ciência. Uma coisa é certa, o jazz moderno, é mais difícil de ouvir do que era nos anos 30 e 40,

época áurea do género, no sentido em que o jazz de vanguarda da altura era extremamente comercial, popular e era dançável, algo que hoje em dia já não é. Como em tudo as coisas evoluem. Sou um grande admirador e estudioso do jazz tradicional, de todos os seus grandes nomes como Duke Ellington, Louis Armstrong, Sidney Bechet, Count Basie, clássicos tradicionais de Nova Orleães. Eles eram profundamente inovadores, e estavam à procura da novidade arrojada.

POL. – Como outros fazem agora.

P. M. – Exactamente. Não fazia sentido que actualmente não se fizesse a mesma coisa. Nós é que nos habituamos a uma certa nostalgia romântica do clube de jazz nos anos 30, do salão de dança e dos cantores e cantoras muito bem vestidos, a cantar com as orquestras. Tudo isto nos remete para um universo muito atractivo que é nostálgico. É o nosso património genético do ponto de vista cultural. Há uma marca histórica mas, se formos ver os grandes nomes desde a primeira gravação de jazz, datada de 1917, de certa maneira é aqui que tudo começa. O jazz desde o início que vive da fusão de música africana e europeia de tradição clássica, mas também há outra, a música das Caraíbas. Regra geral é a influência menos considerada, talvez por não ter tanta importância como as outras, mas desde o início. Jelly Roll Morton, grande compositor e pianista, falava no jazz tingido com uma cor espanhola, das Caraíbas. Se o jazz tem como sua marca a fusão, como é que hoje não a teríamos, como a world música, com a música pop. Vem quase tudo do jazz. É natural que seja assim, para que seja uma música contemporânea, do nosso tempo.

POL. – Mas mesmo assim, pode dizer-se que é elitista, apesar dessa aproximação com outros géneros?

P. M. – Eu não gosto de usar esse termo, mas percebo qual a ideia e concordo. Não gosto quando falamos de elites, temos que falar, sem complexos, porque elas existem. Uma pessoa com uma certa vivência cultural, vivendo num centro urbano, é natural que tenha mais acesso. Pela sua história e depois



Sobre o novo edifício da Escola Superior de Música de Lisboa: “É um edifício extraordinário. Luxuoso no sentido em que foi um edifício construído de raiz para uma escola de música”

da migração nos EUA para as grandes cidades, o Jazz tornou-se uma música urbana. Qual é a probabilidade de um jovem num meio rural, sem grandes tradições culturais ter acesso ao género. Pode acontecer, mas é mais difícil. Há-de haver sempre alguém, seja onde for, que goste de jazz. O jazz tem um atractivo universal. Quando falamos de elite é um termo que acaba por dar jeito a muitos, porque quando se diz que o jazz é uma elite, quem gosta acaba por pertencer a essa mesma elite. É uma forma um pouco perversa de dizer que nós somos os eleitos. O jazz não é necessariamente para todos, mas acho que todos devem ter acesso a ela. O jazz está cheio de todo o género de pessoas, independentemente de classes, raças ou background social, há de tudo. É uma música que não é muito comercial e por isso quando se diz elite, a ideia é de limitações, o que não é verdade, porque é algo transversal, há um pouco de tudo. Em meios financeiramente muito saudáveis há

verdadeiros ignorantes no campo da música, não só no jazz.

POL. – Pode dizer-se que há instrumentos específicos para o jazz?

P. M. – Qualquer instrumento dá, mas há uma tradição. É como dizer que a música clássica, ou erudita precisa de violinos ou não. Há uma tradição, uma prática, e podemos falar de instrumentos comuns ou tradicionais no jazz. Podemos falar dos sopros que vêm das bandas como o clarinete, que hoje em dia se usa muito menos. É mais usual o saxofone, o trompete e o trombone. É o coro de sopros do jazz, mas há imensos casos de óptimos músicos de flauta, de clarinete, de tuba e de trompa. O piano muito, a guitarra muito e a bateria. A bateria é aliás uma invenção do jazz, pois no início não existia era apenas a percussão. Existia a caixa, o bombo orquestral e os pratos. A ideia de juntar tudo num instrumento e que o fixou surgiu com o jazz. A banda que marcha não usa a bateria porque não o permite. A invenção da bateria não foi nada de novo, o prato de choque

sim, foi um acréscimo. Bateria, contra-baixo, tuba, porque faz o papel do contra-baixo de sopro, a guitarra, o piano, os sopros e a voz. Para além disso é frequente encontrar muitos outros instrumentos, lâminas, marimbas, vibrafone. Em qualquer instrumento pode tocar-se jazz. Há óptimos violinistas de jazz.

POL. – O que é que caracteriza um músico de jazz?

P. M. – Mais do que questões estilísticas. No séc. XX os movimentos artísticos explodiram e as angústias dos artistas também. Mozart, no seu tempo escolheu que tipo de música iria produzir, mas era a música da sua cidade, do seu tempo, nunca teve a angústia de saber o que iria fazer, mas fê-lo melhor do que os outros. Onde é que eu posso encontrar o meu espaço? Há uma angústia de decisão nos músicos de hoje em dia porque temos imensos estilos muito diversificados. Por exemplo, num grande festival de jazz podemos assistir a um concerto que adoramos e podemos ver no dia seguinte um outro que odiamos. Isto

significa que o jazz é muita coisa. O que é que pode servir de base comum a todos os músicos de jazz? Não sei, porque podem ter personalidades musicais muito diferentes. Devem todos partilhar uma paixão pelo improviso, por arriscar, e por juntar elementos.

POL. – O jazz é um género musical que preciso muito de uma boa dose de improviso?

P. M. – Precisa, e é essa a sua principal força. A ideia de que o improviso é exclusivo do jazz é mentira. Muitos outros géneros recorrem ao improviso, a começar pelo fado. O improviso não é uma invenção do jazz. Também é possível ao contrário. Será que se pode ter jazz sem improviso? Esta é uma grande discussão. Eu acho que é em situações muito especiais e muito raras. Nós, ao nunca recorrermos ao improviso sentimo-nos muito limitados e podemos deixar de ter prazer. Começamos a achar que não temos a mesma capacidade de expressão pessoal que o improviso nos permite. Posso estar a tocar algo meramente interpretado sem grande improviso, mas algures na minha interpretação eu tenho que ter a liberdade de improvisar um pouco. Um exemplo: o baixo no jazz é muito frequente estar a fazer um acompanhamento rítmico baseado numa pulsação simples, por exemplo numa semínima. Nós podemos dizer que está sempre a tocar a mesma coisa, e está. Está a assegurar um papel importante rítmico mas está a improvisar na escolha das notas. A bateria tem um ritmo, e eu se estiver a tocar saxofone espero que o baterista faça algumas coisas. É bom que improvise, mas é importante que faça um pouco aquilo que eu espero. As pessoas que vêm parar ao jazz é porque encontram nele uma capacidade muito forte de expressão pessoal. Não que não seja possível noutros géneros, mas de uma outra maneira.

POL. – Num conjunto de jazz é importante cada um saber bem qual o seu papel?

P. M. – É, se bem que o jazz hoje, na sua explosão permite o improviso absoluto sem nada previamente combinado. Chama-se improvisação livre e dá origem aos grupos de free jazz, faceta incontornável do jazz actual.

Isto não é uma invenção de agora, tem cerca de 50 anos. Normalmente, quando tocamos em conjunto, o tipo de linguagem usada, improvisando ou



A união faz a força e se resolverem questões de operacionalidade ao fazer a junção das escolas, quanto a mim só trará vantagens

não, tem vários registos muito interessantes e que podem ser muito gratificantes. Pode também ser muito angustiante e criar grandes tensões nos grupos e mesmo mau ambiente. Se as coisas não correm como nós gostaríamos e o outro músico não faz uma coisa que eu estava à espera é como uma discussão em que todos falam ao mesmo tempo e ninguém consegue ouvir. Muitos grupos se desmembram por esta razão. O não funcionar bem a nível musical, normalmente tem consequências a nível pessoal. Dentro de um grupo temos uma margem de improviso não premeditado, partilhamos uma coisa. Se eu disser a um grupo que vamos improvisar sobre um blues, isto implica uma forma e uma sequência harmónica, o que já é uma informação comum.

POL. – Tocar em família trouxe-lhe união e harmonia na música?

P. M. – Sim, e ainda hoje tocamos em conjunto apesar dos projectos de cada um de nós. Ao longo de uma adolescência empolgada, em que de quatro irmãos, três são músicos, tocámos sempre em conjunto, sempre a discutir mas sempre a tocar. Tivemos uma aprendizagem e um crescimento em conjunto o que gerou muitas discussões. As pessoas notam que, apesar da noite do concerto poder ser ou não inspirada, que tocamos juntos há muitos anos porque temos uma forma de encaixe muito grande e uma forma de improvisar em conjunto.

POL. – A sua formação musical foi quase sempre obtida no estrangeiro. Porquê?

P. M. – A educação formal sim. Tive uma educação muito como autodidacta por várias razões. Na altura não havia uma licenciatura em jazz como há agora. A realidade do ensino oficial do jazz, nomeadamente nos países da Europa remonta aos anos sessenta. Nós em Lisboa estamos no segundo ano da licenciatura em jazz. Isto, para dizer que havia essa lacuna. Algo que existia no mundo culturalmente avançado e que nós já temos, mas é muito recente. Nos anos 80 havia o Hot Clube, que eu sempre frequentei e, que era uma escola informal. Hoje em dia é bem mais organizada. Mas ainda não é de ensino superior nem de ensino oficial. Tinha a sorte de tocar com os meus irmãos, o que acaba por ser uma “escola” muito boa, porque estávamos sempre a tocar em conjunto. Fiz alguns estudos sempre que vinha algum músico tocar a Lisboa, aproveitava para ter aulas particulares.

POL. – E estudou no Conservatório.

P. M. – Estudei no Conservatório, onde completei a formação musical, mas numa fase em que já tinha estudado todas essas matérias e para mim não era nada de novo. Sempre toquei jazz. Optei, dado que recebi uma bolsa que muito me ajudou, e fui para Nova York completar a minha formação, dar-lhe um formalismo que não tinha e para completar um curso em dois anos, numa fase relativamente tardia da minha vida. Acabei por ficar seis anos. Fiquei apaixonado pela cidade e fiz primeiro

uma licenciatura na área do saxofone jazz, onde tive oportunidade de estudar muito na área do clássico, com professores com quem fazia contacto e, posteriormente decidi especializar-

só para falar do avanço de uma país que se quer evoluído em várias áreas, não se pode descurar a parte artística, é um pouco escandaloso que Portugal não tenha, que já tem, ensino superior

mos estilísticos. Um dos objectivos do curso de jazz é ajudar os alunos a encontrarem a sua voz artística. O jazz não se compadece muito com a ideia de estarmos todos a tocar a

A Música, em Lisboa, está separada de tudo o resto e todos sabem que é um curso caro porque tem instrução individual, mas é assim no mundo inteiro e há 400 anos



me mais na parte do clássico fazendo mestrado em composição clássica. Depois de completar o curso fiquei mais dois anos só a trabalhar e a tocar antes de regressar. Apesar de uma formação tardia aproveitei muito mais naquela fase do que mais cedo. Fui para Nova York com 26 anos. Nós nunca estamos formados e estamos sempre a aprender, mas fui para lá já um músico formado o que me permitiu aproveitar as vertentes mais avançadas dos cursos que frequentei.

POL. – A abertura da variante de jazz na Escola Superior de Música foi um passo importante?

P. M. – Sou suspeito para responder. Acho que para o país é fundamental. Não é por acaso que em dois anos de concurso de acesso, tivemos uma quantidade enorme de candidatos. Isto mostra a necessidade que representa para o país. Temos a ideia de que o país em crise tem que sacrificar a cultura e está mais do que provado de que é completamente falso e as contas relativas à cultura estão mal feitas. Na verdade gera muito mais do

na área do jazz. É uma feliz coincidência, que não o foi propriamente, mas a utilização do novo edifício no ano em que abriu o novo curso de jazz. É um edifício extraordinário. Luxuoso no sentido em que foi um edifício construído de raiz para uma escola de música. Normalmente as escolas de música usam espaços adaptados, o que às vezes é bom, outras é mau. Mas, aqui revela um investimento importante numa área cultural e o jazz aproveitou essa ampliação e tem sido um sucesso enorme. Temos tido músicos com uma carreira ótima que vieram para a escola para completar a sua formação. Temos tido imensos candidatos e acho fundamental a existência do curso, é uma marca de desenvolvimento social do país.

POL. – Como responsável da área de jazz, quais foram as suas principais preocupações desde o início?

P. M. – Pretendia um curso que fosse essencialmente prático. O curso entra já em período de vigência de Bolonha, por isso não teve que passar pela adaptação. Bolonha traz-nos as-

mesma coisa. E é um defeito do jazz actual. Torna-se difícil associar um nome a um estilo e abordagem musical. Isto não é fácil. Muito exigente do ponto de vista prático. Temos um grupo de professores formidável e que representam algum do melhor jazz que se faz em Portugal. É um jazz de nível internacional. A tentação é referir logo a Maria João e o Mário Laginha, que são dois nomes do campo internacional e temos a sorte de os ter convosco. Podemos falar de uma outra geração com carreiras estrondosas. No campo do ensino artístico nunca se deve esquecer o artista com carreira e nós conseguimos juntar profissionais extraordinários.

POL. – A área de jazz da ESML tem desenvolvido inúmeras iniciativas. Tem sido o responsável ou há outros?

P. M. – Há de tudo. Algumas somos nós. As audições que fazemos na escola e, outras fora. E como é normal numa escola de música, temos apresentações musicais noutros locais. Para os alunos é essencial



O que tento fazer e, é muito genuíno, porque faz parte da minha estratégia de ensino e é aquilo que me trouxe para a música, é o respeito e a paixão pela música

que aquilo que se pensa no imediato. As contas fazem-se por exemplo, às 150 pessoas num concerto e ao que pagaram para estar ali ou não, mas há muitas outras contas indirectas que é preciso fazer ao nível da indústria musical. Estamos a falar de uma percentagem muito alta do PIB europeu. Isto

pectos muito positivos e outros que não o são, como ter menos tempo de estudo, que pode ser dramático, porque a música é um processo muito longo. Mas temos que viver com essa regra, como em tudo. A aposta também seria apostar na vertente prática e muito abrangente em ter-

porque permite pôr a “máquina a rolar” e ensaiar. Nunca interiro artisticamente nas apresentações dos alunos. Acompanho e ajudo no que é necessário e eles recorrem aos professores, mas estimulo a sua autonomia e estimulo a que sejam eles a desenvolver os seus projec-

tos. Claro que como é apresentado como um grupo da escola há um trabalho prévio que é feito por nós. Fizemos um pequeno festival que este ano lectivo gostaria de repetir. Temos tido uma série de actividades em curso. O curso pode-se dizer que ainda está em fase de instalação e expansão, vamos entrar no terceiro ano. Não quero queimar todos os cartuchos num ano só, mas há uma série de projectos para fazer, quer na escola, quer fora dela, pequenos ciclos e festivais. Temos um auditório estrondoso de 450 lugares que é preciso aproveitar, que poderia facilmente ser a Casa da Música de Lisboa, e que espero que venha a ser. É uma sala com condições excepcionais e as pessoas que vivem em Lisboa não têm a noção que a cidade não tem uma sala só dedicada à música. A única excepção é o Auditório da Gulbenkian. Esta sala poderia ser a sala de música de Lisboa e tem condições para isso, para ciclos, concertos e gravações. Podemos começar a fazer com regularidade CD's dos trabalhos dos nossos alunos para divulgação e alguns deles eventualmente para comercialização.

POL. – E a Orquestra de Jazz da ESML como surgiu?

P. M. – Surgiu no Plano de Estudos, é uma disciplina obrigatória. A orquestra é muito importante na formação de um músico profissional. Dá-lhe uma competência musical e uma capacidade de trabalhar em grupo. Lida-se com problemas específicos que quando tocamos numa pequena formação, quarteto e quinteto não surgem. Temos que ter uma disciplina de naipe e seguir uma pessoa que nos está a dirigir. Há que tocar um tipo de linguagem que é muitas vezes sofisticado e complexo. A ideia da orquestra é ir alternando repertórios mais clássicos com contemporâneos, porque há uma componente pedagógica que não podemos esquecer e, no futuro encomendar peças para estreitar para dar uma vertente mais contemporânea. Geralmente tem uma grande adesão e uma grande alegria que funciona muito bem. E o objectivo é como nos outros grupos,

ter uma gravação e continuar com o trabalho regular no âmbito lectivo porque é uma disciplina.



Um dos objectivos do curso de jazz é ajudar os alunos a encontrarem a sua voz artística

POL. – A primeira actuação foi precisamente no aniversário do IPL?

P. M. – Exactamente.

POL. – Qual foi a sua impressão?

P. M. – Na altura fiquei com uma ótima impressão. O público foi muito caloroso e muito receptivo. As pessoas manifestaram ter gostado. Correu muito bem para primeira experiência, mas há sempre coisas a afinar, é normal. A orquestra este ano tem uma existência mais regular, porque são muitas pessoas o que acarreta questões de logística que não fáceis de gerir. No ano passado ainda não tínhamos capacidade para o que estamos neste momento a fazer. Tínhamos uma série de horas lectivas que eram necessárias, mas eram agrupadas em estágios, o que é bom e mau. Este ano é semanal, é um trabalho mais regular durante o ano e, na minha óptica produz melhores resultados.

Este ano temos um pequeno saldo de evolução na orquestra.

POL. – A mudança de instalações contribuiu para o aumento da qualidade do ensino da música?

P. M. – Absolutamente, independentemente do jazz. Não era professor da ESML antes, não estava na parte do clássico, mas imagino como seria. Uma escola para ter professores do melhor que há e alunos bons precisa de ter mais espaço para estudar e disponível ao fim-de-semana. Haver pequeno e grande auditório, estúdio de gravação que não está ainda muito bem equipado mas, que pode vir a ser excepcional. Este estúdio tem um grande potencial de utilização profissional e rentabilização quando estiver melhor equipado. Há uma série de factores que potenciam muito mais a actividade de uma escola de música. Há mais concertos, mais prazer em tocar. O edifício antigo era fabuloso, mas não tinha condições para ter 300 alunos a circular. Não estou a falar do projecto pedagógico em si, mas uma mudança desta natureza tem reflexos psicológicos enormes, na forma como as pessoas se sentem, na motivação. Na prática organizamos pequenos recitais no pequeno auditório, que está ligado ao estúdio de gravação de qualidade profissional, que por sua vez está ligada à régie do outro lado do corredor. O Grande Auditório também o permite e às salas do primeiro piso também. Posso estar numa sala a 80 metros daqui e estar na minha sala de estudo e peço para gravar. São precisas condições para tudo isto acontecer.

POL. – Em termos estratégicos o que mudaria do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e no Ministério da Cultura?

P. M. – Eu acho que o ensino da música é claramente cultura. Há uma coisa que se pode dizer directamente sem querer apontar o dedo a ninguém, há um problema de estrangulamento financeiro. Como em tudo, ninguém inventa dinheiro, mas estabelecem-se prioridades e dá-se maior ou menor interesse a várias vertentes. Por isso, esta questão deve ser discutida. Integrar esta realidade também no Ministério da Cultura acho que faz todo o sentido, apesar de ser obviamente

ensino superior, tem que depender das duas tutelas, mas devia haver uma articulação entre ambas. E porque não haver até alguma ajuda no financiamento, porque este ensino tem características muito próprias. Num certo ponto de vista, a música é ensino superior, igual a todos os outros, politécnico ou universitário, apesar de estes terem uma distinção também é muito controversa. Mas, na verdade é um curso muito próprio, com características muito específicos que faz com que seja difícil compará-lo com outros cursos, sem qualquer desprimor, como comunicação, educação ou engenharia. Merece uma atenção especial. Se isto poderia ser feito com uma regulamentação que deveria existir específica para o ensino artístico. Um dos problemas em Portugal, e não é exclusivo do ensino superior, mas também do ensino básico e secundário. Isto pôde ver-se com a discussão sobre o Conservatório Nacional. Não há um gabinete de ensino artístico, nem um regulamento para este ensino. Há um projecto de regulamento de ensino artístico com 25 anos, que nunca foi escrito na especialidade.

POL. – A preocupação da OCDE na avaliação do ensino artístico, em Portugal, foi um passo?

P. M. – Sim, quanto mais não seja, na colocação em agenda da necessidade de haver ensino artístico. Ajuda, mas se a nossa tutela é o ensino superior deve haver uma regulamentação específica para o ensino artístico que se reflecte por exemplo na elaboração dos planos de estudo, nas questões do financiamento como na contratação de docentes, um tema muito delicado, premente e preocupante. Este meio não está sujeito a uma carreira académica como está o ensino superior universitário. Claro que tende para que isso aconteça, mas este ensino é politécnico. Não pode ser dado o argumento, quando dá jeito, de que quando é ensino politécnico recebe menos financiamento, mas exigir que tenha o mesmo formalismo que o ensino universitário. Neste caso igualem os escalões, pois não são. São tudo questões complexas que acima de tudo precisam de uma sensibilidade

especial para o fenómeno do ensino artístico, que às vezes não existe.

POL. – O que retirou das conclusões emitidas pelo painel da OCDE?

P. M. – Retirei preocupação, algumas boas ideias e algumas intenções demasiado gerais, que dificilmente sairão do papel. É uma primeira fase, vamos ver que evolução terá e de que forma poderá vir a ter aplicações muito concretas e muito directas. O facto de haver um relatório de um conjunto internacional de pessoas que se debruçam com o assunto é um bom sinal.

POL. – Considera que a fusão entre as várias escolas artísticas do IPL numa Escola de Artes única traria vantagens?

P. M. – Tenho a certeza de que traria algumas vantagens, e muito importantes. Se só traria vantagens? Não sei, porque depende da orgânica de



Eu acho que o ensino da música é claramente cultura

funcionamento da cadeia de decisão e dos graus de autonomia que hoje em dia são muito baixos. No campo da autonomia, a preocupação que está na base é essencialmente financeira e gostava de alertar que a falta de autonomia também leva à falta de dinheiro, porque são muitas as decisões que por serem tomadas

longe do local que afectam, acabam por não ser tomadas da forma mais adequada e mais barata. É preciso ter noção da questão financeira e todos devemos tentar rentabilizar da melhor forma possível a proximidade de ajudar a poupar muito dinheiro. Sei que traria algumas vantagens, por exemplo quanto ao ratio que é calculado por escola. Temos escolas paralelas à nossa, como a Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, que por estar integrada com as artes do espectáculo consegue um ratio muito mais elevado e altamente favorável. A Música, em Lisboa, está separada de tudo o resto e todos sabem que é um curso caro porque tem instrução individual, mas é assim no mundo inteiro e há 400 anos.

POL. – Estudar música continua a ser um processo muito dispendioso e só para alguns?

P. M. – Sim, é como a medicina. A questão é saber se é importante. Temos outros cursos que ajudam a diminuir esse ratio. A pergunta é saber se querem acabar com o ensino da música porque é muito caro, se sim, acabem mas assumam essa decisão. Assumam um menor desenvolvimento social e cultural do país. É possível rentabilizar alguns custos. O facto de juntar as escolas e criar uma Escola de Artes torna todas estas necessidades locais mais pesadas, o que é bom porque ajuda a fazer mais grupos de reflexão e a chamar mais a atenção para o ensino artístico. A união faz a força e se resolverem questões de operacionalidade ao fazer a junção das escolas, quanto a mim só trará vantagens.

POL. – A introdução do ensino da música no 1.º ciclo do ensino básico foi importante para o desenvolvimento das crianças?

P. M. – Sim, sem dúvida, é um primeiro passo. Está provado por psicólogos que crianças que estudam música em média têm rendimentos escolares superiores. Há uma frase de um psicólogo norte-americano que diz - “A ausência de criatividade gera destrutividade”. O desenvolvimento da criatividade tem enormes consequências ao nível a nossa auto-esti-

ma e da nossa formatação mental. No caso da música, pelo tipo de destreza e motricidade fina que implica e das horas de estudo e paciência até no simples facto de ler uma pauta, ajuda a estabelecer uma série de ligações neurológica que de outra forma não seriam estabelecidas. Está mais do que provado que uma criança que comece cedo, aos 6 ou 7 anos, pode ter uma série de favorecimentos no seu rendimento escolar. O ensino da música é essencial desde a escola. A sua introdução foi um primeiro passo mas ainda com imensos problemas de operacionalidade. É bom e há que melhorar, principalmente ao nível operacionalidade, criando salas de música com instrumentos. Não é possível ensinar música sem instrumentos. Os alunos devem poder “brincar” com os instrumentos, é mesmo este o termo. É também necessária mais formação dos professores. Há os que são excepcionais, de uma forma geral no ensino obrigatório do 1.º ciclo tem que haver um reforço da qualidade de formação dos professores.

POL. – Como professor muito ligado ao ensino, o que tenta transmitir sobre a música, desde o aluno mais novo ao mais velho?

P. M. – O que tento fazer e, é muito genuíno, porque faz parte da minha estratégia de ensino e é aquilo que me trouxe para a música, é o respeito e a paixão pela música. Quando estou a dar uma aula de análise ao nível avançado e falo de determinada peça, temos que falar de coisas “frias” e isto retira sempre um pouco a magia da música, por isso é preciso respeito e humildade. É preciso trabalhar muito e às vezes isto não está completamente claro. Na ciência os resultados aparecem num espaço de tempo muito longo é preciso ter quase que uma relação obsessiva. Na música é necessária paixão e dedicação. Respeito e humildade em relação aos músicos que nos antecederam e relativamente ao que é suposto nós fazermos, na medida em que temos que nos tentar exceder a nós próprios. Se a humanidade toda tivesse esta preocupação o mundo seria com certeza um sítio melhor. Outra coisa e a paixão pura e o prazer que a música nos pode dar.

POL. – A música é para si uma paixão ou pode ser uma obsessão?

P. M. – É claramente uma paixão, mas para mim é também uma obsessão.

POL. – Em que sentido?

P. M. – É quase como o ar que nós respiramos. A necessidade que nós temos pela música, não apenas eu, diria a generalidade dos músicos profissionais. É perfeitamente possível que na música existam muitas



Há um projecto de regulamento de ensino artístico com 25 anos, que nunca foi escrito na especialidade

pessoas que não são músicos profissionais. Quando falamos de ensino de música estamos a falar numa pirâmide, onde se inclui o ensino básico, o Conservatório, não só a Escola Superior de Música, onde eu ensino músicos profissionais. O ensino da música deve ser para todos. A obsessão deve ser para o músico profissionais, a paixão deve ser para todos. É como a paixão pela pintura, pela literatura. Se alguém afirma não gostar de tudo isto vai estar a perder uma parte importante da experiência como pessoa.

Muitas vezes chego a casa depois de dar aulas e não consigo desligar, sento-me ao piano e continuo a trabalhar a peça. Esta é a minha grande sorte e um privilégio. Eu não escolhi ser músico. Nós estamos num país onde não é fácil esta profissão. Quando dei por mim era músico, nunca decidi, até porque estudei matemática e era óptimo aluno mas aquilo eu era músico profissional sem ter feito a escolha.

POL. – É também um dom?

P. M. – O verdadeiro dom que nós temos é a vontade. Quando as pessoas falam em talento, este reveste-se de muitas formas. O verdadeiro talento é aquela pessoa que está disposta a ir para casa suar, porque é um trabalho muito solitário e em que muitas vezes nos colocamos em causa. Quando tocamos música passamos horas em casa, sozinhos só a lidar com o nosso instrumento, enquanto os nossos amigos estão a jogar ou a sair. A música requer muito isolamento e muito sacrifício, este para mim é o talento. Quem está disposto a ultrapassar tudo isto e retirando algum prazer. Ser músico é uma profissão divertida, acho eu. Porque nos damos bem uns com os outros, tocamos fora e vamos juntos. É um trabalho de insistência obsessiva. São mais as horas que estudamos sem prazer do que com ele. O que leva um miúdo de 9 anos a deixar os amigos a jogar e a estar em casa a estudar música é o sonho de tocar alguma coisa, esta é uma ideia bonita. Para mim o verdadeiro talento musical é o talento da persistência.

POL. – O que responderia a alguém que lhe dissesse que é possível viver sem música?

P. M. – Eu não consigo e sinceramente duvido que alguém consiga. Quando falam em dinheiro, em orçamento apenas posso dizer, vamos acabar com toda a música. Não há cd's, não há concertos, não há nada. Mas, a verdade é que em todo o lado há música. Imaginar a televisão sem música, a rádio, não é possível. A música transporta-nos para um registo de abstracção que nos ajuda a encontrar a nós próprios. A música é completamente abstracta não tem qualquer suporte físico e nós precisamos disso.

Nascida para ensinar música

Margarida, a maestrina

Por detrás da aparência angelical, Margarida Simas demonstra enorme segurança nos ideais. Maestrina de aspecto frágil e tímido, ela já dirigiu orquestras e músicos de talento. Está sempre em movimento, é professora de música em duas escolas, dirige dois coros e é vocalista de um grupo de música alternativa que participou no Rock in Rio de 2004.

*Textos de Jorge Silva
Fotos de Sofia Gomes*

MARGARIDA Simas nasceu na bela vila de Oeiras, em 1981. A mãe, como amante de música que sempre foi, cultivou esse gosto junto dos filhos. Os três irmãos mais velhos de Margarida, dois rapazes e uma rapariga, também estudaram música, mas a foi ela a única que acabou o curso.

Os seus estudos iniciaram-se no Conservatório Nacional aos doze anos, onde começou por estudar flauta transversal, na altura não pensava seguir a carreira artística. Quando chegou ao sexto ano do Conservatório, aos dezassete anos, surgiu-lhe a oportunidade de dirigir um coro de jovens em Paço d' Arcos. Acabou por aceitar o desafio, descobrindo que aquela área musical era a que mais lhe agradava. Para aprofundar os seus conhecimentos, decidiu concorrer à Escola Superior de Música de Lisboa, onde acabou por ingressar no curso de direcção coral.



A experiência nos At-Tambur

A ARTISTA entrou para o grupo At-Tambur por influência do irmão, João Simas o guitarrista do grupo, que a desafiou a tentar outro tipo de música. Depois de algumas experiências ocasionais, em 2003, Margarida Simas acaba por integrar oficialmente o grupo. Seguiu-se uma tournée por várias localidades de Portugal e por alguns países estrangeiros.

Formado em 1990, os At-Tambur dedicaram-se inicialmente à animação de bailes onde o público costuma dançar ao ritmo da música ao vivo, ensaiando diversos passos de músicas tradicionais. A etapa seguinte do grupo passou por criar um repertório mais elaborado, destinado a concertos, para os quais foram convidados algumas vozes e instrumentistas.

Em 2003 o grupo lança o seu primeiro CD, obtendo um êxito considerável, até aí os At-Tambur tocavam "Word Music" com uma grande aposta nas sonoridades tradicio-

nais, com pinceladas de música clássica e de jazz, tudo isto assumindo uma irreverência ao nível da interpretação e dos arranjos.

Após o CD o grupo tenta trilhar novos caminhos, optando por serem mais originais, como refere Margarida Simas – Queremos fazer música que as pessoas gostem de ouvir. Actualmente o projecto musical encontra-se parado por falta de disponibilidade dos membros se reunirem.

Da sua passagem pelo grupo, a maestrina recorda dois pontos altos: a edição do primeiro CD dos At-Tambur, onde participou como convidada, e a participação do grupo no Rock In Rio de 2004. Estes dois eventos tiveram umas reacções muito positivas, quer por parte do público

quer por parte da crítica. Margarida Simas gostou de ter actuado num festival daquela importância, a sua postura "angelical" como foi referido pela crítica, resultou do tom melancólico das músicas que lhe foram atribuídas.



Quando concluiu o curso teve a felicidade de surgirem oportunidades para aplicar os conhecimentos adquiridos, começou por conduzir o coro da universidade católica, onde permaneceu durante dois anos, e dirigiu um coro em Alhandra. A sua apetência para novos desafios levou-a a experimentar a área de canto tendo, em 2003, passado a integrar o coro da Gulbenkian como contralto onde se mantém até hoje. Entre 2005 e 2006 sempre com o objectivo de aperfeiçoar os seus conhecimentos, frequentou o curso de direcção de orquestras na Academia Superior de Orquestra. Ainda em 2005, em colaboração com outros dois músicos abraçou um projecto que consistia na transcrição de um manuscrito referente a uma missa do compositor do séc. XVIII, João José Baldi. Este trabalho resultou na realização de dois espectáculos, que envolveram uma orquestra e um coro, na Igreja dos Mártires em Lisboa. A sua capacidade de trabalho é imensa, actualmente dirige o coro da Ermida

associação cultural de Paço d'Arcos, e de um grupo coral em Alhandra, acumulando com o cargo de professora de coro na Academia de Amadores de Música de Lisboa e no Orfeão

de Leiria. O seu lema de vida leva-a a manter essa ampla actividade no ensino artístico, porque, acima de tudo, gosta de desenvolver as capacidades das outras pessoas.



Apesar de ter conseguido trilhar o seu próprio percurso, Margarida Simas acredita que ser músico em Portugal não é fácil, a maioria dos músicos acaba por encontrar no ensino o seu equilíbrio financeiro. Sobre o estado do ensino artístico em Portugal, a maestrina tem ideias muito definidas, na sua opinião, faz falta um maior apoio financeiro, por parte do Estado junto das escolas públicas. Na sua já longa experiência como professora de música, Margarida Simas tem sentido a grande discrepância que existe entre as escolas públicas e privadas, sendo que estas últimas ao contrário das primeiras, possuem todas as condições essenciais ao ensino artístico. Como exemplo das dificuldades sentidas pelas escolas de música públicas refere o caso da ESML, onde estudar e ensinar música foi muito difícil devido à falta de condições. Com a passagem para o novo edifício no Campus de Benfica este problema foi resolvido,



permitindo à escola usufruir de umas instalações condignas para o ensino artístico. Apesar das dificuldades, o nível de ensino na Escola Superior

de Música de Lisboa é muito elevado, foram os conhecimentos que adquiriu na escola que permitiram a Margarida Simas desenvolver o seu trabalho.

O gosto pela formação contínua

A MAESTRINA tem ideias muito definidas sobre o que gostaria de fazer no futuro, onde continuar a estudar está sempre presente. Para prosseguir de imediato com a sua formação, gostaria de tirar o mestrado em direcção coral e concluir o curso de direcção de orquestras na Academia Superior de Orquestra. Profissionalmente, o seu sonho é formar um grupo coral, escolhendo os músicos e dirigindo-o.

Actualmente a sua atenção está focada no projecto da associação cultural de Paços d'Arcos, cujo objectivo é o da formação musical dos jovens daquela localidade fomentando a realização de concertos no centro histórico daquela vila. Quando confrontada sobre o que gosta mais de dirigir, Margarida Simas não hesita, o sonho de dirigir uma grande orquestra nos grandes palcos mundiais não a seduz, prefere apostar na criação de um grupo mais íntimo, moldando-o a seu gosto e então sim, ser ela a dirigi-lo.

O ensino também está sempre presente na mente da maestrina, tem alunos dos oito aos quarenta anos, em todos eles sente uma enorme motivação para desenvolverem as suas aptidões musicais. Como professora, Margarida Simas tem a preocupação de transmitir aos seus alunos todo o contexto social dos compositores

cujas obras tocam. É importante que, para além de conhecerem o reportório musical eles realizem alguma pesquisa histórica sobre a época dos músicos. Tendo que os meus alunos desenvolvam as suas capacidades artísticas e musicais, se conseguir fazer isso sinto-me feliz – conclui a maestrina.



Web Orion`s Belt no mercado internacional

Alunos do ISEL brilham no mundo dos jogos on-line

Cem por cento *made in* Portugal e por portugueses o jogo Web Orion`s Belt alcançou sucesso no nosso país e além fronteiras. A proeza é da autoria dos programadores informáticos Pedro Santos, Nuno Silva e Tiago Sousa que desenvolveram o jogo, em 2003, para um trabalho de final de curso no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. São um caso de sucesso num mercado que, por cá, ainda está a dar os primeiros passos.

Textos de Vanessa de Sousa Glória • Fotos de Pedro Pina

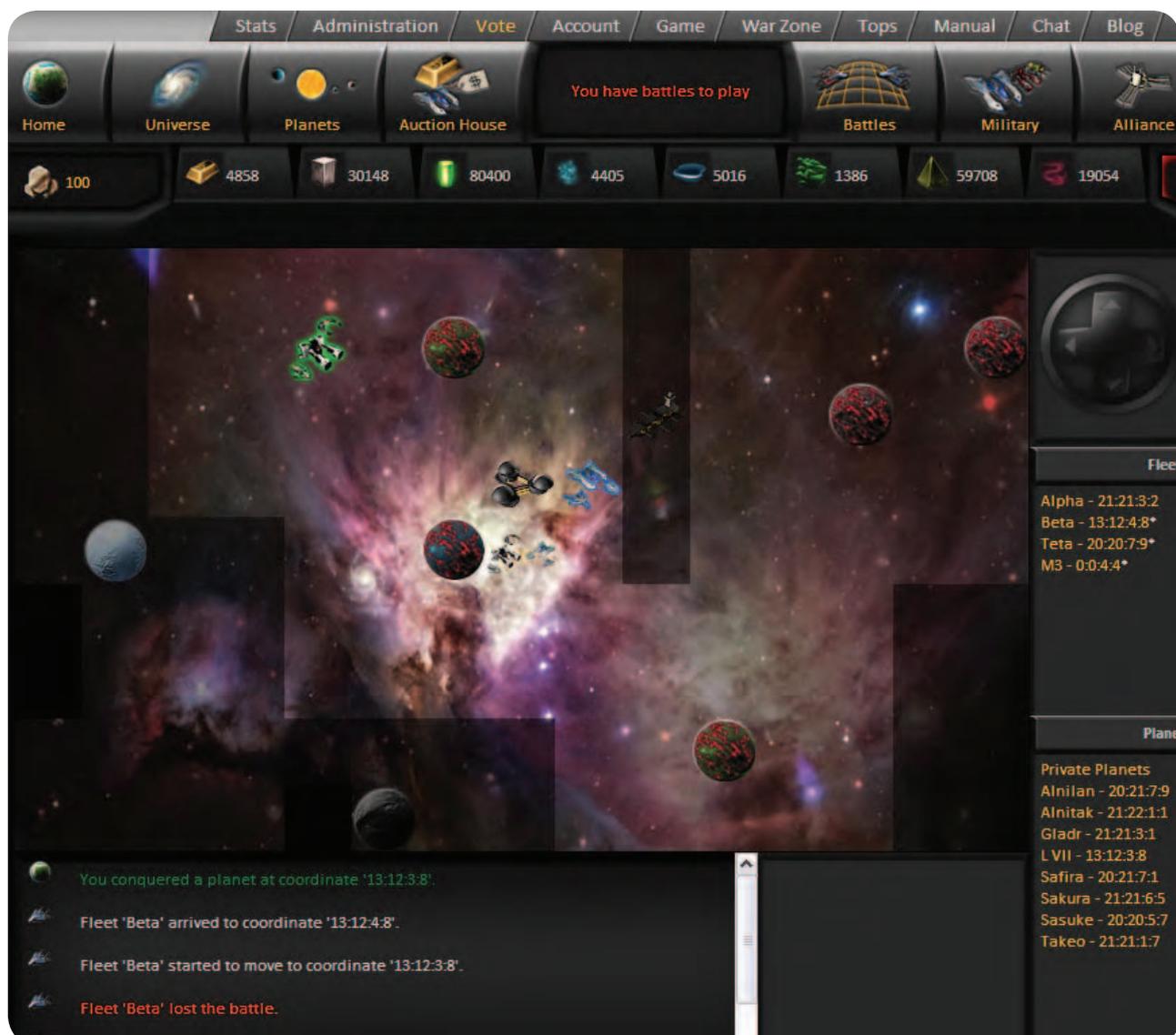


Imagem do universo espacial fantástico do Orion's Belt concebido pelos alunos do ISEL



Os criadores do projecto Orion's Belt: (da esquerda para a direita na imagem) Tiago Sousa, Pedro Santos e Nuno Silva

É NUM ambiente de fogo de Guerra que a aventura se inicia em Orion's Belt. A conquista de planetas é o passaporte de entrada para este mundo imaginário onde todos têm uma missão a cumprir. Orion's Belt é o primeiro jogo on-line português de gestão espacial inventado por Pedro Santos, Nuno Silva e Tiago Sousa. Os progra-

madores informáticos estavam longe de imaginar que o trabalho de final de curso desenvolvido, há sete anos atrás, no âmbito do bacharelato no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, se tornasse num caso sério de sucesso nacional e internacional. A proeza acabou por lhes abrir as portas para o mercado de trabalho. Pro-

porcionar aos jogadores momentos de lazer é o principal objectivo desta equipa que comprova, assim, que os portugueses também são capazes de sobressair no mercado dos jogos. Em breve os informáticos vão introduzir inteligência artificial ao jogo. O tempo de espera pelos adversários desmotivou os jogadores. Com a inteligência

E tudo começou no ISEL...

CONCENTRAÇÃO e, acima de tudo, criatividade são requisitos fundamentais para quem opta ser programador informático. Uma opinião partilhada por Pedro Santos, Nuno Silva e Tiago Sousa. Licenciados pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, em Engenharia informática e de Computadores, os três jo-



vens não têm dúvidas que o curso os preparou muito bem para o mercado de trabalho. Prova disso é o sucesso alcançado pelo jogo

Orion's Belt que começou a ser desenvolvido no ISEL, em 2003, e que lhes garantiu o primeiro emprego numa empresa de tecnologias de informação antes de concluírem o curso.

No âmbito das disciplinas Tecnologias de Informação e Engenharia

de Software foi-lhes pedido um projecto de final de curso que tinha de, obrigatoriamente, ser desenvolvido para a internet. Para fugir dos habituais trabalhos de bibliotecas e lojas on-line que os colegas apresentavam, os alunos decidiram ser mais arrojados. Surgiu a ideia de fazer um jogo espacial que foi baptizado de Orion's Belt. Nuno Silva, apaixonado pela astronomia, quis dar o nome ao jogo de uma constelação de três estrelas.

Desde a versão inicial, concebida no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, até hoje, o jogo Orion's Belt esteve sempre em evolução.

artificial passa a ser possível lutar contra o computador. “O computador assume o papel de utilizador prometendo lutas mais renhidas”, explica Tiago Sousa que confidencia que ele e os colegas são gamers nos tempos livres. E foi graças a esta faceta que a equipa inspirou-se nos melhores aspectos de cada jogo que conheciam para a produção do Orion’s Belt.

No ISEL os professores reconheceram o mérito do projecto e um dos orientadores não resistiu a testar as funcionalidades do jogo.

A maior dificuldade chegou a seguir. Disponibilizar o jogo na internet exigia a aquisição de um servidor. Foi com grande esforço financeiro que os alunos pagaram o equipamento dos seus bolsos. Em Outubro de 2003 estava disponível na internet a primeira versão beta do Orion’s Belt.

Do bacharelato os alunos prosseguiram para a licenciatura, também, no ISEL, e o desenvolvimento do jogo continuou como um hobby.

O êxito do jogo de conquista espacial não se fez esperar. Em 2006 os jovens subiram ao palco, no festival

Fãs e autores: um casamento perfeito

PEDRO Santos, Nuno Silva e Tiago Sousa agradecem a “ajuda valiosa” da comunidade de fãs do Orion’s Belt com os quais têm mantido, um casamento ideal. Desde a primeira versão os criadores ouviram as ideias dos jogadores e aceitaram muitas das suas sugestões. Até porque acreditam que são estes que, pelo tempo que dedicam ao divertimento, conseguem mais rapidamente perceber os problemas que vão surgindo. Orion’s Belt começa assim a estar muito mais estável graças aos jogadores que, os criadores,

classificam de cinco estrelas. E em jeito de reconhecimento até passaram a ter um estatuto especial no jogo.

E do mundo imaginário do Orion’s Belt para a vida real os autores fazem questão de, todos os anos, organizarem uma actividade que reúne os fãs. Uma oportunidade única para se conhecerem e que, também, permite o debate de ideias. No último encontro realizado, no ano passado, foi com alguma surpresa e satisfação que os criadores perceberam que existem mulheres entre os fãs do Orion’s Belt.

GAMES, para receberem os prémios de Melhor Jogo Web e Melhor Tecnologia desse ano. O evento organizado pela Associação de produtores de jogos electrónicos (APROJE) pretende apoiar o desenvolvimento de jogos a nível nacional.

A partir daí Orion’s Belt foi sempre evoluindo,

ganhou um visual melhorado e uma nova dinâmica sempre com a missão de “agradar o público ao máximo”, diz Tiago Sousa.

Em 2005 a equipa aceitou o convite da PDM para se dedicarem a cem por cento ao desenvolvimento do jogo lançado oficialmente pela empresa em Agosto do ano passado.

Já com o jogo de estratégia medieval, “Almansur”, editado, a empresa portuguesa, tem apostado no mercado de videojogos que está a começar a crescer em Portugal.

Uma atitude reconhecida pelos informáticos que têm noção que a aposta nesta área é “como investir na bolsa. Trata-se de um projecto de alto risco.”, diz Pedro Santos, e acrescenta “É, sem dúvida, uma área rentável. Mas que ainda não vingou em Portugal.”

Disponível em cinco línguas: português, francês, inglês, alemão e croata, Orion’s Belt tornou-se popular entre os cibernautas de todo o mundo. Mais de 23 mil utilizadores de 78 países visitaram o site do jogo no último mês de 2009.

A internacionalização do jogo ainda esta aquém do desejado pelos jovens informáticos que estiveram presentes num dos maiores eventos a nível mundial sobre jogos para browser que se realiza em Frankfurt. A viagem não foi em vão. Sendo a Alemanha um dos maiores produtores deste tipo de jogos, tiveram, aqui, oportunidade de estabelecer contactos publicitários e surgiu a hipótese de uma distribuidora de grande nível estar interessada no jogo. Um desejo dos autores que poderá ser concretizada a curto prazo.

Tiveram também possibilidade de conhecerem de perto uma realidade do mundo dos jogos diferente da que se vive em Portugal. “Na Alemanha cerca de 30 % a 40% da população joga on-line e paga para



o fazer, enquanto no nosso país a percentagem é menos de cinco por cento”, diz Nuno Silva que lamenta a pouca divulgação dos jogos on-line em Portugal, “Na Alemanha até há outdoors dos jogos Web”.

Ainda assim, por cá, Orion's Belt não passou despercebido nos meios de comunicação social o que ajudou a tornar o jogo mais conhecido em território nacional. A história de sucesso dos jovens informáticos foi tema no Curto-Circuito, exibido na SIC radical, e no magazine Quiosque, da RTP2. Mereceu ainda uma reportagem no programa Insert Coin, do canal por cabo AXN. Algumas revistas de videojogos, sites e o Jornal de Negócios publicaram entrevistas com os autores.

Embora o jogo seja gratuito, os fãs de Orion's Belt podem pagar para obter novas funcionalidades e recursos que lhes permite uma evolução mais rápida na expansão do império. Trata-se de um sistema de micro-pagamentos em que os euros são convertidos em orions, a moeda do jogo.

Na esperança de aliciar a comunidade académica do Instituto Politécnico de Lisboa a experimentar um jogo, desenvolvido por antigos alunos desta instituição,

os criadores fizeram questão de oferecer mil e quinhentos cartões, no valor de dois euros cada um, que já foram distribuídos pelas associações de estudantes.

Estratégia, perícia e diplomacia são ingredientes essenciais para um jogador ser bem sucedido no Orion's Belt.

Adaptado às obrigações no mundo real, o jogo de conquista espacial é ideal para quem tem pouco tempo para se dedicar a este divertimento. São necessários apenas alguns minutos por dia para obter bons resultados. Prova disso é o director da PDM, Miguel Campos, fã do Orion's Belt e que até ameaça os informáticos de não lhes pagar o ordenado quando surge algum problema no jogo.

Mas os utilizadores que jogam intensivamente “não ficarão desapontados”, diz Pedro Santos, basta para isso “seleccionar as periodicidades de turno que se adequam a si”.



O Império Orion's Belt num tabuleiro

É NUM tabuleiro “tipo xadrez” que se travam as batalhas no Orion's Belt. Característica única deste jogo que torna os duelos “viciantes” e que requer tática e estratégia. Os jogadores colocam, no tabuleiro, as peças que constituem a sua armada, conseguindo ter sempre uma visão da posição e das características do adversário.

No universo espacial Orion's Belt's a luta pelo domínio é uma constante. A principal missão dos jogadores é expandir o seu império, através da conquista de planetas, criação de parcerias e vencendo batalhas contra outros jogadores.

Mas o primeiro passo para entrar no universo Orion's Belt faz-se através de um registo no site do jogo (www.orionsbelt.eu). Concluída esta fase existe a possibilidade de escolher uma raça. Existem várias, cada uma delas com características próprias, e que proporcionam diferentes experiências no jogo. Os Utopianos são os mais parecidos com os humanos. Os Renegados, também são uma raça de humanos, mas vivem da pirataria espacial e das trocas comerciais entre os diver-



sos grupos. Já a raça Levyr é constituída por insectos. Os Mercs são um grupo de piratas, mercenários e bandidos, um inimigo que convém evitar. O jogador também pode escolher uma profissão tendo várias missões para cumprir.

O jogo inicia-se numa pequena zona privada protegida onde não há lugar a ataques. O desafio é colonizar cinco planetas só então terá acesso, através de um túnel espacial, à zona pública onde se travam as batalhas com os outros jogadores.

Bailarino, coreógrafo,

Pedro Ramos: o

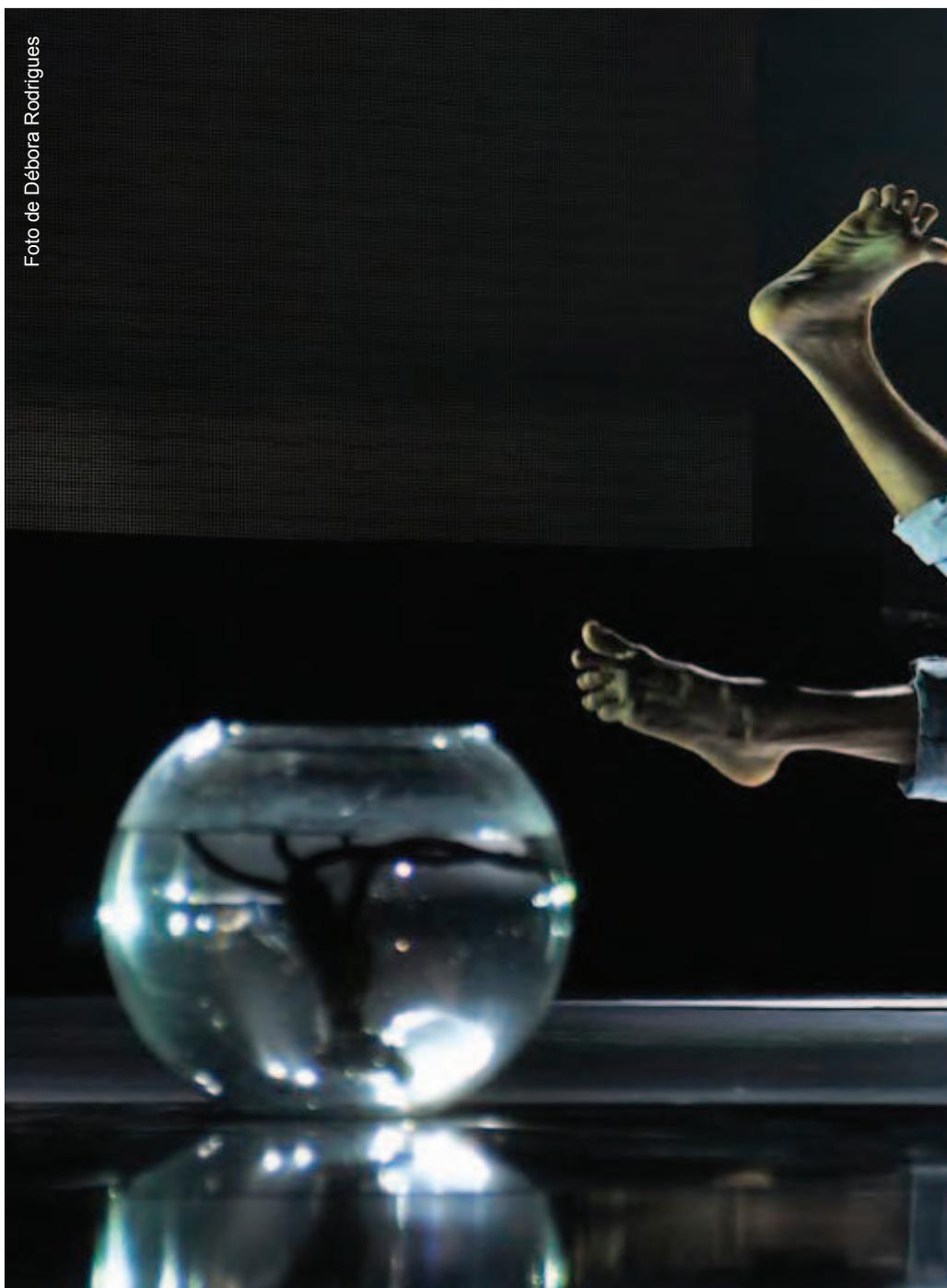
Usa o corpo como a ferramenta para as várias artes. A Escola Superior de Dança deu-lhe uma base sólida para a dança e para a vida. Vive numa procura constante, de algo, uma sensibilidade em relação ao que se passa no mundo e em si mesmo. O seu trabalho já lhe valeu o prémio de melhor bailarino de dança contemporânea, na Portugal Dance Awards 2009. A dança é para Pedro Ramos uma forma de trabalhar várias expressões e de revelar uma essência. Serve para curar o espaço e para transformar.

Textos de Clara Santos Silva

A ESCOLA Superior de Dança permitiu-lhe alargar horizontes e os trabalhos vão-se sucedendo. O seu talento foi entretanto reconhecido no Dia Mundial da Dança, na primeira gala Portugal Dance Awards 2009, em que o júri decidiu atribuir-lhe o prémio de melhor bailarino de dança contemporânea. No seu agradecimento não deixou de mencionar a importância da ESD na sua formação e pôde presentear o público com um excerto da sua coreografia “Um Diário Metafísico”, na qual já trabalha há alguns anos.

Nascido numa família de cientistas criativos, Pedro Ramos reconhece que os pais sempre estimularam o aspecto do conhecimento ligado à investigação e à criatividade. Talvez por isso a sua primeira ambição tenha sido a de vir a ser cientista. Quis entretanto ser actor, pintor, muito por influência da irmã. Passava muito tempo a desenhar. Na Escola António Arroio, onde estudou,

Foto de Débora Rodrigues



conseguiu 20 a Geometria Descritiva e Desenho, no entanto as outras notas não seguiam o mesmo percurso e não permitiram o seu ingresso em Belas Artes, em Lisboa.

Aos 12 anos, por sua iniciativa, começou a estudar guitarra clássica. A sua ambição

era a de vir a constituir uma banda rock ou heavy metal. A vida trocou-lhe as voltas e, o seu gosto por cantar levou-o para o canto lírico, que estudou durante seis anos. Recordar-se mesmo que quando tocava, quase que o fazia apenas para acompanhar a voz.

cantor, actor e professor

corpo como expressão



Os professores da Academia de Amadores de Música, onde tinha aulas, sempre ressaltaram as potencialidades da sua voz. As viagens para o Alentejo com a família eram sempre feitas a cantar. Os irmãos chegavam a dizer que não era necessário o rá-

dio, porque tinham o Pedro. As suas raízes também demonstram a sua propensão para estas áreas. O tio Afonso, a avó e o bisavô pertenceram a coros alentejanos.

O desejo de representar levou-o, aos 14 anos, a fazer ateliês de teatro na Voz do Ope-

rário, acabando por ingressar numa companhia, o Teatro Infantil de Lisboa. Sempre gostou de dar vida a personagens. Em pequeno fazia festas em que cantava e fazia teatro e, por isso o “bichinho” surgiu. Nesta época começou o seu gosto pela corporalidade.



Pedro Ramos como tenor no espectáculo "Caruma" de Madalena Victorino

Já na Escola Superior de Dança, o primeiro ano foi sempre em paralelo com espectáculos no TIL. Tem consciência que faltava a algumas aulas, o que não era do agrado dos seus professores, mas a sua dedicação deu frutos e conseguiu superar, porque adorava tudo o que fazia. Durante os quatro anos do curso nunca parou de trabalhar e julga que foi o melhor que poderia ter-lhe acontecido.

A Escola Superior de Dança coincidiu com prática de uma outra paixão, o Yoga. Praticou durante algum tempo, mas abandonou por falta de disponibilidade. A vontade manteve-se, até porque alguns dos professores da ESD faziam muito a ligação entre a dança e o Yoga. Depois do curso procurou novamente a prática e ouviu falar de Carlos Rui Ferreira através de Nuno Cabral com quem praticava, e a quem expressou o desejo de aprender mais e vir a ser professor. Fez então formação com Carlos Rui, no Centro Português de Yoga e neste momento dá aulas em casa e no espaço de Vanda Melo, a sua primeira professora de dança.

Os trabalhos foram-se sucedendo, nas mais diversas áreas. Fez várias

óperas na Academia de Amadores de Música. Na dança, trabalhou com Clara Andermatt, coreógrafa que o marcou pela sua componente teatral muito forte. No projecto "O Grito do Peixe" teve a oportunidade de dançar e cantar. A irmã chega a brincar com a associação da dança e do canto, dizendo que Pedro, em todos os espec-

táculos tem que fazer o pino e cantar. É aliás a sua versatilidade que leva a que muitos convites surjam.

Depois da Escola Superior de Dança fez um curso de pesquisa e criação no Fórum Dança, com Clara Andermatt, Francisco Camacho e Rui Horta, o que lhe permitiu conhecer novas perspectivas. Muitos bailarinos procuram mais formação no estrangeiro, e Pedro Ramos pensou em fazê-lo, mas acabou por nunca sentir essa necessidade. A dada altura, o volume de trabalho não permitia que se ausentasse para fazer mais formação.

Trabalhou também com Né Barros em duas produções. Com os criadores Stefan Jurgens e Fernando Galrito fez o projecto "sync" e ".txt", este último, apresentado em 2009, na Fundação Oriente, associou a dança à multimédia. No Algarve, trabalhou com José Laginha, no espectáculo "Não temos pátria, temos barbatanas". Um dos trabalhos que considera mais relevantes é o de Madalena Victorino, "uma pessoa muito especial e uma grande professora", diz. O projecto de Arte Comunitária, "A Caruma", abriu-lhe horizontes em vários aspectos, um deles no que respeita ao trabalho com a comunidade. O projecto consistia em trabalhar com pessoas de uma determinada cidade, durante uma semana, que



Foto de José Frade / Egeac EEM

O bailarino "O Aqui", um projecto de dança com inclusão da pessoa deficiente

A alquimia da dança



Foto de Cpyoga

Pedro Ramos na prática do yoga



Performance "Diário Metafísico" da sua autoria

O AIKIDO, arte marcial não agressiva, permitiu-lhe fazer uma ligação do corpo à espiritualidade e à essência. A meditação e o Yoga surgiram naturalmente, tendo sempre o corpo como base. Num dado momento foi buscar uma parte essencial da sua formação à prática do Yoga. Mesmo na Escola Superior de Dança este processo continuou. Na disciplina de Antropologia da Dança fez um trabalho escrito, através do qual estabeleceu uma ponte entre a técnica da dança, o canto lírico e a dança tribal do Gana. Usou textos de uma antropóloga que relacionava as danças do Gana com a dança clássica, aos quais juntou o canto lírico, que considera uma técnica física.

O seu gosto pela Antropologia como ciência que estuda o Homem tem como objectivo, entender os mitos e as culturas arcaicas, como forma de saber mais sobre quem somos e para onde pretendemos ir. O mito, segundo aquilo que tem vindo a descobrir, fala-nos sobre a origem e os modelos que devemos

seguir caso queiramos sair vitoriosos. A conclusão a que chega é que a fonte interna no Homem é o estudo sobre si próprio e a fonte externa, o estudo sobre os mitos e as culturas ancestrais. Por isso mesmo e, tendo nascido numa família com uma forte vertente científica, apercebe-se que todos estudamos a mesma coisa desde a ciência à subjectividade.

Através do trabalho de Carl Jung sobre os arquétipos e o inconsciente colectivo ligados à alquimia e à psicologia, Pedro pôde perceber que o Yoga é, em si, uma tradição alquímica. O bailarino não é mais do que aquele que usa o corpo como laboratório, como “um espaço de transformação no corpo, dentro do corpo e para aquilo que é dado ao corpo”. O seu desejo é precisamente o de dar à dança contemporânea essa mesma alquimia que está na arte tradicional e que serve para curar e elevar a vida.

É visível a paixão de Pedro Ramos pela vida, pela arte e por tudo o que o rodeia. O seu conhecimento da mente, dos mecanismos do cor-

po, e sua forma de funcionamento, levam-no a dizer que a primeira controla mas também é controlada.

Ao trabalhar nas suas criações tem sempre presente que há um aspecto psicológico em cada um dos nossos órgãos. Ao dançar, o bailarino pode fazê-lo através da focalização num órgão concreto e a partir daí desenvolver uma construção. O movimento que tem vida é, na sua opinião, o mais difícil. Ao mudar a forma corporal é possível dar uma sensação, uma intencionalidade e um timbre à voz. Uma vez que o corpo expressa sempre intenções em relação ao espaço em que se move, em relação ao mundo e a si próprio, se a pessoa o compreender pode reagir em função de determinadas intenções, como as que estão implícitas num texto.

Para o bailarino, ter consciência do que quer transmitir e permitir que o corpo responda, é o mais interessante do trabalho. Todo o trabalho tem que ser feito de forma a juntar àquilo que o corpo já sabe, uma intenção e harmonizar.

depois eram integradas de forma a receberem os seus conterrâneos. O espectáculo percorreu todo o país e foi levado a Espanha.

Em 2006 teve o privilégio de trabalhar com o encenador João Lourenço, na Ópera “O Nariz”, de Chostakovich, no Teatro Nacional de S. Carlos. No espectáculo fez trabalho como actor e uma figuração especial. Na altura, o encenador diz ter gostado muito da sua performance e deixou no ar a possibilidade de voltarem a trabalhar juntos. Mais tarde a promessa concretizou-se, primeiro com um convite para uma produção, que Pedro não pôde aceitar, dado estar a participar no projecto “A Caruma”. O encenador não desistiu e voltou a contactá-lo dizendo que tinha um papel para ele na peça “Imaculados”. O bailarino tinha João Lourenço como uma pessoa muito dura, que não é, apenas exigente. Diz ter havido um total entendimento, mas também porque em tudo tentava corresponder e dar mais ainda do que o exigido. Dedicou-se de corpo e alma a esta peça, o que implicou muito trabalho e investigação.



O artista na coreografia “Men’s World”, de Silke Z.

Antes, tinha participado na “Saga - Ópera Extravagante”, a convite de João Brites. Inicialmente o trabalho seria como bailarino, mas os seus dotes como tenor levaram a que no espectáculo fosse também cantor e actor. Trabalhar com “O Bando” foi,

na sua opinião muito interessante na perspectiva em que tudo é feito de acordo com uma divisão pré-definida entre a corporalidade e a oralidade, a intencionalidade e o texto. Todo o trabalho d’ “O Bando” é feito com graduações levando a com haja mais mistério nos personagens.

Tem entretanto colaborado com a DançaArte, em Palmela, quer como intérprete, quer como criador convidado de Sofia Belchior. Em 2009, apresentou na Adega, “Órbita do cérebro na planta da mão”, na qual pôde contar com a colaboração na cenografia e instalações, de Marta Riera, artista plástica e sua cunhada. Nesta criação teve oportunidade de trabalhar com bailarinos que considera fabulosos como Félix Lozano, com quem já havia colaborado como intérprete numa peça no Maria Matos.

Pedro foi descobrindo a sua grande vontade de criar e fazer do Yoga a sua principal base teórica. A sua vontade de saber mais e aplicar esse conhecimento à sua arte fez com que procurasse mais formação, frequentando uma Pós-Graduação em Dança Terapia e Comunicação Não Verbal. No final estagiou como dança terapeuta com crianças de risco no bairro da Portela de Sacavém.

Sempre se interessou pela componente terapêutica da dança relacionada com o corpo. Participou em projec-



Foto de Débora Rodrigues

Pedro Ramos galardoado com o prémio Melhor bailarino contemporâneo em 2009

A morte como recomeço



Diário Metafísico, o projecto de uma vida

UM BAILARINO e um coreógrafo têm habitualmente uma inspiração que usam para dar voz às suas criações. No caso de Pedro Ramos, as criações são influenciadas pelo tema da morte, não como um fim, mas como um princípio. Sendo um tema sensível, talvez porque a vida lhe foi apresentando situações que o levaram a pensar assim, acredita que não é possível nascer sem morrer.

O Yoga surge como condutor desta sua consciência e leva-o a dar Shiva como exemplo, como um destruidor, que em si próprio também faz renascer.

Pedro sente que há uma verdade dentro de cada um de nós. A sua tem vindo a ser desvendada com o tempo e, é inegável que o crescer como artista e o crescer como indivíduo não podem dissociar-se. Continua numa procura de zonas de si que ainda continuam ocultas e que são determinantes para o seu trabalho.

Para os seus projectos não leva obviamente a vida quotidiana, mas o seu espírito está sempre presente na arte. Considera que o corpo e a espiritualidade são uma só coisa e é um privilégio poder conhecer o corpo e usá-lo para revelar uma essência.

Caracteriza-se acima de tudo como um ser humano. Caso tivesse de abdicar das suas várias artes, arranjaría outras formas de se expressar. Considera a vida demasiado rica e a única dificuldade é não poder fazer tudo. Mas, aprendeu que quando uma porta se fecha, outra se abre. “A morte é uma forma de renascimento”, diz.

tos relacionado com esta temática, a convite de Ana Rita Barata, com quem fez feito “O Corpo todo”. Este trabalho serviu de base a um documentário do realizador Pedro Sena Nunes, que viria a receber um Menção Honrosa no 16.º Festival Caminhos do Cinema Português. Seguiu-se o projecto “O

Aqui” que aborda a dança como inclusão da pessoa deficiente. Segundo o bailarino, o objectivo deste trabalho não foi o de fazer terapia, foi mais na perspectiva do efeito que a dança terapêutica provoca nas pessoas, porque promove saúde mental e física. Trabalhar com pessoas com paralisia

cerebral “foi muito gratificante, revelador e um privilégio, diz. Aprendeu muito com alguns deles, para quem a vida não foi fácil. Considera que o entusiasmo que sempre demonstraram perante aquilo que estavam a fazer foi muito comovente, até porque nestas circunstâncias, o normal é que a



O bailarino (ao centro) no projecto de arte comunitário "Caruma"

pessoa "ou se torna uma vítima ou se torna um herói". O projecto "O Aqui" foi entretanto seleccionado para ser apresentado, nos Estados Unidos da América, num dos maiores festivais de arte ligada à deficiência.

Um dos últimos trabalhos foi um convite da coreógrafa Silke Z., "It's a men's world", apresentado em Dusseldorf. A criação é dirigida a adolescentes e explora o tema dos heróis,

recorrendo à projecção de vídeo. Este espectáculo irá prolongar-se, exigindo idas constantes de Pedro Ramos à Alemanha, o que nem sempre é do seu agrado dado adorar Portugal. Sente que o nosso país é privilegiado, não só pelo clima. "Temos uma cultura muito forte", diz. A questão, na sua opinião, é a de que o país não dá valor a si próprio, mesmo tendo artistas, criadores e intérpretes fabulosos. Acha que tudo

se deve uma falta de organização, o que torna difícil a vida de uma artista. Facto é que no estrangeiro, os artistas portugueses são muito considerados, e Pedro tem esta experiência.

No seu percurso tem dificuldade em apontar um coreógrafo que mais o tenha marcado, mas de imediato vem à sua memória Clara Andermatt e Madalena Vitorino. No entanto, sente que todos aqueles com os quais trabalhou o marcaram de uma forma diferente.

O seu trabalho de eleição é quase aquilo que se pode dizer, o trabalho de uma vida. Isto, porque tem investido nele muito do seu tempo e anos da sua vida. "Diário Metafísico" é uma criação que tem vindo a construir, mas já foi apresentada em sistema de *work in progress*. Sente que cada vez que a leva a público, muda porque se vai reestruturando. Na coreografia usa o vídeo, que lhe permite ir mostrando um corpo com idades diferentes. O trabalho começou ainda no Fórum Dança, com Clara Andermatt e continua a ser um projecto para o futuro. Está também a trabalhar numa outra criação, "Memória de uma origem", solo que fala da vida e da morte, e do fim que dá origem a outro princípio.



Foto de André Fonseca

Pedro Ramos como bailarino, actor e cantor na Saga, Ópera Extravagante

Prémio de Reconhecimento em Angola

Escola de Tecnologia da Saúde tem 65 parcerias internacionais

A Escola Superior de Tecnologia da Saúde tem neste momento em vigor 65 parcerias com Universidades, Institutos, Escolas Superiores europeias, brasileiras e africanas, que asseguram o intercâmbio de estudantes professores e pessoal não docente. “É uma mais-valia inestimável para todos”, observa Manuel Correia, presidente do Conselho Directivo, lembrando que o próprio Processo de Bolonha tem na sua génese este espírito de partilha.

Textos de Vanessa de Sousa Glória



SÓ ASSIM, com este espírito, a ciência avança o conhecimento se aprofunda e a sociedade olha com confiança aqueles em quem inves-

tiu para lhes proporcionar melhor qualidade de vida.

A escola acaba, de resto, de ser homenageada com o Prémio de Re-

conhecimento à Educação no âmbito de um protocolo com Angola. O galardão foi atribuído pela sua participação no ensino de profissionais de

diagnóstico e terapêutica em Angola, que resultou de um projecto iniciado em 2003 a pedido do Ministério da Saúde Angola. Nesse projecto, a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa contou com a colaboração do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, tendo ela própria implementado sete cursos das Tecnologias da Saúde na Escola Técnica Provincial de Saúde de Luanda.

A cooperação foi entretanto alargada à Província do Bengo (Caxito) onde congregou o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, tanto para formação inicial como para formação avançada. As múltiplas parcerias nacionais e internacionais e a cooperação com a comunidade de Países de Língua Portuguesa conferem hoje à ESTeSL o reconhecimento social do seu trabalho em benefício da saúde das pessoas.

Num estudo recentemente publicado pela revista *Sábado*, a ESTeSL figura entre as 20 melhores instituições de ensino superior para a aprendizagem em Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica. A escola tem mantido uma linha de rumo que lhe permite garantir que os seus estudantes desenvolvam capacidades para conviver com o incerto e adquiriram as competências necessárias a um desempenho que se antevê em permanente mudança.

A aposta no Centro de Formação Avançada da escola tem sido uma estratégia adoptada e fomentada. A formação avançada nas Instituições de Ensino Superior é um pilar fundamental de todo o edifício que constitui a formação. Numa escola que prepara profissionais de saúde, por maioria da razão, dada a necessidade sempre de mais conhecimento e conhecimento actualizado.

A Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa tem vindo a desenvolver o seu Centro de Formação Avançada (CFA), com incremento sobretudo em cursos de curta duração, pós-graduações e mestrados. A muito curto prazo com a aprovação de outros mestrados e doutoramentos a levar a cabo em parceria com Universidades, o CFA vê reforçada a sua actividade, permitindo à escola maior oferta de formação de índole



Professor Manuel Correia, presidente do conselho directivo da ESTeSL

profissional e de natureza académica. Trata-se, por isso, de uma área que deve ser privilegiada em termos de investimento estratégico para o seu desenvolvimento, na escola.

No mundo de hoje o conhecimento rapidamente se torna obsoleto seja qual for a área do saber. Na saúde, pelo progresso acelerado de todos os dias, a desactualização dos saberes é constante e não com-

*Num estudo recentemente publicado pela revista **Sábado**, a ESTeSL figura entre as 20 melhores instituições de ensino superior para a aprendizagem em Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica*

patível com a prestação de cuidados que devemos disponibilizar às pessoas. Perante tal evidência só há uma solução: aprender todos os dias. E essa aprendizagem não deve ser feita apenas em contexto formal: ela é, em primeira análise um imperativo individual.

É incumbência da escola disponibilizar programas de formação que correspondam às necessidades dos profissionais e às expectativas dos serviços de saúde. O curso de suporte básico de vida, por exemplo, tem tido grande procura, tanto por parte dos profissionais das tecnologias da saúde, como de estudantes da Faculdade de Medicina.

Os cinco mestrados já aprovados pela tutela são o corolário de um longo processo que condicionou, por quatro anos, a adequação dos planos de estudos de estudos da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa ao Processo de Bolonha. Os mestrados ficaram condicionados à definição do tempo de duração da formação inicial. No início de 2009 a escola apresentou cinco propostas de mestrados, que acabam de ser aprovadas. Este conjunto de cursos do 2º ciclo são decisivos para o desenvolvimento da Escola e qualificação do seu pessoal docente, mas dada a natureza de cada um deles, em muito vão contribuir também para os profissionais das tecnologias da saúde das respectivas áreas, melhorarem e actualizarem os seus conhecimentos.

Caras conhecidas do teatro, Actores escolhem o



Cláudia Semedo, 26 anos
Aluna da ESCS



Rita Seguro, 34 anos
Aluna da ESTC



Welket Bungué,
Aluno

Caras conhecidas do grande público, com experiência profissional na televisão, teatro, cinema e rádio, dizem-se realizados naquilo que fazem, escolheram o Instituto Politécnico de Lisboa para tirar um curso superior. Cláudia Semedo, Rita Seguro, Welket Bungué, Lia Carvalho e Sara Matos, são os protagonistas desta história. A *Politécnia* foi conhecê-los, ficou a saber como conciliam os estudos com a profissão e afinal, o que é isto de ser figura pública entre os colegas.

Textos de Vanessa de Sousa Glória • Fotos de Pedro Pina

FALTAM vinte e quatro horas para se celebrar o Natal e a azáfama é grande nos estúdios de gravação da 7.ª edição dos “Morangos com Açúcar” na produtora Plural, em Vialonga. Pelos corredores actores e actrizes decoram os textos, aguardando ansiosamente a sua vez para entrarem em mais um episódio da série que, há mais de sete anos, faz sucesso entre os jovens e já conquistou milhares de fãs. Muito ao estilo Fame, esta nova aventura dos “Morangos com Açúcar- Vive o teu talento”, imbatível de audiências, que já não se fica pelas

fronteiras nacionais, retrata a realidade de uma da escola de artes onde todos os jovens ambicionam ser artistas.

Nos estúdios da produtora Plural é dia do tradicional almoço da época Natalícia, e nem por isso os actores têm direito a fazer uma pausa maior. As gravações dos “Morangos com Açúcar” decorrem a todo o vapor. São as últimas filmagens, que antecedem umas mini férias — merecidas —, para o elenco que, de segunda a sábado, passa nos estúdios doze horas por dia: “Um trabalho árduo que estou a

adorar fazer”, diz Sara Matos, que se tornou numa estrela televisiva no papel de protagonista da série. Aos 19 anos, a actriz, já com alguma experiência em representação, viu-se obrigada a interromper o curso de teatro que frequenta na Escola



Sara Matos, a protagonista dos Morangos com

televisão e cinema

IPL para estudar



26 anos
da ESTC



Lia Carvalho, 19 anos
Aluna da ESTC



Sara Matos, 19 anos
Aluna da ESTC

Superior de Teatro e Cinema: “Era impossível conciliar o horário das gravações dos Morangos com as aulas”.

Sara Matos, na sala de caracterização, prepara-se para mais uma interpretação de Margarida Bacelar que protagoniza

com Rui Oliveira (Lourenço Ortigão): o par amoroso de destaque da série. E se na ficção Margarida não desiste de concretizar o sonho de ser cantora, contra a vontade dos pais, no palco da vida a actriz não abre mão, assim que puder, de

terminar a licenciatura em teatro porque “um actor tem de ser culto e isso implica ter uma formação superior.”

Lia Carvalho estudava no primeiro ano de teatro na ESTC quando surgiu a oportunidade de participar na série juvenil.



Açúcar, na sala de caracterização, a preparar-se para mais uma gravação da série juvenil



A actriz Lia Carvalho é Mariana Coelho, uma jovem rebelde apaixonada pela música

Também a actriz fez uma pausa no curso para se dedicar a cem por cento à personagem Mariana Coelho: uma jovem rebelde que fugiu de casa dos pais para viajar pela Europa. Após passar algum tempo numa comunidade punk regressa a Portugal porque, na verdade, quer mesmo é estudar música.

Até serem convidadas para participarem nos “Morangos com Açúcar” as duas alunas conseguiram sempre conciliar as aulas teóricas com as peças teatrais que faziam no Projecto Novos Actores. Uma companhia de Teatro que tem como objectivo projectar novos talentos na arte da representação.

Durante três anos as actrizes Sara Matos e Lia Carvalho frequentaram a Escola Profissional de Teatro de Cascais. A vontade de aprender mais e conhecer outros métodos de trabalho levou as jovens alunas, já com alguma experiência profissional, a inscreverem-se na escola de artes do Instituto de Politécnico de Lisboa.



Sara Matos referindo-se à participação na série: “Um trabalho árduo que estou a adorar fazer”



Fotos cortesia TVI

Sara Matos no papel de Margarida Bacelar na 7.ª edição dos Morangos com Açúcar - Vive o teu talento

Dotado de um nome singular e de “uma fisionomia particular que não se vê todos os dias na ficção nacional”, como o próprio diz, Welket N'cabna Tambá Bungué, com 21 anos, frequenta o 1º ano do Curso de Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema.

A vontade de aprender mais e conhecer outros métodos de trabalho levou Sara Matos e Lia Carvalho a inscreverem-se na escola de artes do Instituto de Politécnico de Lisboa

O ritmo das filmagens nos “Morangos com Açúcar” é lhe bastante familiar. Foi na série de Verão, no papel de Ronaldo Cordeiro, que ficou a ser conhecido pelo público televisivo. A personagem trabalhava no bar de uma praia Algarvia onde, no decorrer dos meses quentes das férias grandes, foram gravados alguns episódios da série. Para



Lia Carvalho inscreveu-se na ESTC para aprender outros métodos de trabalho



Welket Bungué a interpretar Saturnino na série televisiva "Equador"

Welket Bungué se, por um lado, a experiência abriu-lhe portas profissionais, por outro também perdeu alguma privacidade. Mas a ambição do actor vai mais longe. Prova disso foi ter sido escolhido, em 2008, para participar na longa-metragem de Bollywood "Kaminey" de Vishal Bahardwaj. O filme, de produção indiana, estreou em Agosto de 2009 nos Estados Unidos, Austrália, Alemanha e Reino Unido.

No papel de aluno, na Escola Superior de Teatro e Cinema, faz questão de não faltar a nenhuma aula. Já conhece bem os cantos da casa. Tem por hábito almoçar no refeitório da escola e as visitas à biblioteca são frequentes. Natural de Guiné-Bissau Welket Bungué chegou a Portugal com apenas três anos de idade. Viveu e cresceu em Beja, a cidade onde iniciou a carreira de actor aos dezassete

anos e assumiu o cargo de co-fundador da companhia de teatro Homlet.

Quando concluiu o ensino secundário veio para Lisboa com o objectivo de se inscrever na Escola Superior de Teatro e Cinema mas percebeu que ainda não estava preparado para se candidatar. Apesar da experiência profissional que regista no curriculum "o aspirante a actor", como o próprio se descreve, sentiu que lhe faltava teoria e técnica e um longo caminho de aprendizagem.

Na sua opinião a Escola Superior de Teatro e Cinema é o local ideal para aprender "devidamente", frisa Welket que, em 2008, decidiu, aos 21 anos, iniciar os estudos superiores porque se arrisca a dizer que "Um

Na série televisiva portuguesa "Equador", baseada no romance de Miguel Sousa Tavares, encarnou Saturnino, um serviçal de roça

actor com um curso superior será um actor mais completo". Estreou-se na televisão, com 19 anos, no documentário português "Naus e Caravelas – Um choque tecnológico no século XVI" um retrato da chegada dos portugueses à Costa Africana. Welket teve, aqui, oportunidade de trabalhar com grandes nomes da ficção nacional: Nicolau Breyner, Ruy de Carvalho, Fernando Luís e Rui Mendes.

A experiência televisiva do actor não ficou por aqui. Na série televisiva portuguesa "Equador", baseada no romance de Miguel Sousa Tavares, encarnou Saturnino, um serviçal de roça que se viu obrigado a fugir ao ser, injustamente, acusado de violar a mulher que amava. Saturnino foi chicoteado, durante dois dias, e levado a julgamento. Esta interpretação foi para Welket um acto de coragem pela ligação da personagem aos seus antepassados históricos. Com a direcção de actores de Thiago Justino, o actor contracenou nesta série com Nicolau Breyner que fazia de coronel.

Antes de se dedicar completamente ao teatro chegou a fazer moda. Desfilou, como modelo, para vários estilos-



A personagem, Saturnino, que desempenhou no "Equador" foi, para Welket, um acto de coragem

tas conhecidos, inclusive para Américo Tavares, e participou no evento Moda Lisboa. Mas o que realmente o atraiu neste mundo é a fotografia.

Quanto ao curso de teatro Welket Bungué não imaginava que fosse “tão prático” e está mesmo “a superar as minhas expectativas”, afirma o actor que, com um ar pensativo, conclui “Estou a consolidar ideias sobre o que é ser actor”.

Habituada, desde há muito tempo, às luzes e câmaras, Rita Seguro, apresentadora televisiva, na qualidade de aluna, sobe ao palco da

Quanto ao curso de teatro Welket Bungué não imaginava que fosse “tão prático” e está mesmo “a superar as minhas expectativas”

Escola Superior de Teatro e Cinema. Aos 31 anos regressou aos bancos da escola para aprender o que mais gosta de fazer: representar.

“O dia podia ter mais umas horas e eu podia ter um bocadinho mais de energia”, seria o cenário ideal para Rita que concilia os estudos com o progra-

Bungué na Meca do cinema indiano

WELKETT Bungué entrou para a história do cinema português com a sua participação no filme de acção “Kaminey” produzido nos Estúdios de Bollywood, na Índia, o maior produtor mundial de cinema, logo a seguir a Hollywood. No final de 2008, o actor rumou para Índia, onde permaneceu doze dias, para filmar a longa-metragem realizada por Vishal Bharadwaj. “Foi uma experiência inesquecível e um grande privilégio” diz orgulhoso.

O convite para desempenhar uma personagem no filme foi recebido com

surpresa pelo actor que inicialmente foi apenas seleccionado para fazer uma figuração. O elenco contou ainda com a presença dos actores lusos Eric Santos, Carlos Paca e Patrícia Bull.

Vislumbrado com a produção do filme Welket diz que nunca vira nada assim. A maioria das filmagens decorreu num monte, localizado na Índia, onde foram construídas de propósito, casas e igrejas. No filme de acção Kaminey, que significa sa-fados, o actor recebeu formação em como se simula a morte em cinema.





A apresentadora televisiva Rita Seguro sempre quis estudar teatro

ma Deluxe, exibido na TVI, onde todas as manhãs de sábado dá a cara.

Aos dezasseis anos começou a trabalhar em televisão como apre-

Habituada, desde há muito tempo, às luzes e câmaras, Rita Seguro, apresentadora televisiva, na qualidade de aluna, sobe ao palco da Escola Superior de Teatro e Cinema

sentadora do programa “Portugal Radical” (quando o canal privado SIC ainda estava no início). Desde então participou em vários projectos televi-

sivos com destaque para o programa de música “TOP +”, exibido na RTP.

Durante muitos anos também foi locutora na Rádio Energia e, depois, na

Rádio Marginal.

Apesar de satisfeita com aquilo que faz, o bichinho pela representação sempre a inquietou. A expe-

riência que obteve como actriz, nas telenovelas portuguesas Baía das Mulheres e Tu e Eu, e, recentemente, nos “Morangos com Açúcar”, não impediu de acreditar que a formação para representar é “importantíssima”, frisa Rita Seguro.

Ao longo dos anos a decisão de tirar o curso superior de teatro foi sendo adiada por razões profissionais e familiares. No mundo real concilia o papel de mãe de dois gémeos com o trabalho na televisão, “o que não é nada fácil”.

Rita Seguro foi saciando a vontade de estudar teatro com workshops de curta duração, mas sentia que isso não era suficiente. Ao frequentar um curso, dirigido pelo encenador João Mota, no Teatro da Comuna, a apresentadora decidiu, finalmente, concretizar o desejo de estudar representação. “Pus de lado a questão do tempo e arrisquei candidatar-me à Escola Superior de Teatro e Cinema”, diz a aluna que não se vê a escolher nenhum outro curso. Passados quatro anos, o balanço que faz é positivo “Assim como em tudo na vida, tem coisas melhores e piores”, diz.

Foi através de amigos, antigos alunos, que teve conhecimento da escola de teatro na Amadora. Apesar da diferença de idades dos colegas de turma diz que a integração não foi difícil até porque já conhecia alguns deles. Mesmo assim Rita não demonstra, ainda, estar cem por cento adaptada ao ambiente escolar. Prova disso foi que a actriz, contrariamente aos outros protagonistas desta reportagem, não quis ser fotografada nas instalações da escola.

Caloira da Escola Superior de Comunicação Social, Cláudia Semedo é a mais velha da turma, mas isso não a torna diferente dos outros. Aos 26 anos a actriz, apresentadora de televisão e rádio entrou no curso de jornalismo e, apesar de ser conhecida pelo público, fez questão de ser praxada. “Uma forma de desmistificar a ideia que sou uma vedeta”, explica Cláudia que, sem preconceitos, percorreu as ruas de Lisboa de cara pintada. E, em jeito de brincadeira, os seus fãs até pagaram para tirarem fotografias com a actriz. Quem agradeceu o gesto foi



Foto de LBF

Cláudia Semedo nos estúdios da Antena 3 onde é locutora do programa Discos Pedidos

a associação de estudantes que conseguiu, assim, angariar dinheiro que serviu para pagar aos músicos que animaram a semana do caloiro.

Embora não se deixe incomodar com a falta de privacidade que tem é difícil para a actriz passar despercebida nos corredores da ESCS.



Na peça "Navalha na Carne" actriz Cláudia Semedo revelou o seu talento

Ficou conhecida na televisão quando, em 2001, foi seleccionada para apresentar o programa Curto-Circuito na SIC Radical com apenas 19 anos. Desde essa data nunca mais parou a actividade profissional exibindo, actualmente, um curriculum invejável.

A poucos dias de terminar o primeiro semestre na Escola Superior de Comunicação Social, Cláudia Semedo conheceu, pela primeira, com a equipa da *Politecnia*, o estúdio de rádio onde, brevemente, irá ter aulas. Embora esteja habituada aos microfones da Antena 3, onde todos os sábados, é locutora do programa Discos Pedidos, a aluna, sem formação académica em rádio, receia que o professor da disciplina reprove o modo com que tem trabalhado até então. Mesmo assim confessa-se "ansiosa" por aprender mais sobre rádio porque tem sido uma "auto-didacta" nesta área, diz com humildade. O gosto pela rádio surgiu quando tinha quinze anos num programa infantil na Renascença.



A peça "Navalha na Carne" de Plínio Marcos vai ser reposta este ano

À semelhança da apresentadora Rita Seguro, aluna da escola de teatro, para Cláudia Semedo ingressar no ensino superior fez sempre parte dos seus planos. A decisão foi sendo adiada porque, assim

como Rita Seguro, iniciou a carreira profissional muito jovem.

O dia-a-dia da atriz, para além do rádio, divide-se entre a apresentação e a representação: duas paixões de que não abdica. Optou por estudar

jornalismo e não o curso de teatro porque considera que aquele lhe oferece um maior enriquecimento pessoal e mais cultura geral.

Atenta e preocupada com os problemas ambientais do planeta, Cláudia aceitou, com muita satisfação, recentemente, o convite para apresentar o programa televisivo Desafio Verde. Exibido na RTP2 o programa ensina os portugueses a serem ecologistas sem cair no exagero.

Na televisão, enquanto atriz, o público pode por diversas ocasiões admirar o seu talento. A sua última participação foi na novela "Podia Acabar o Mundo" exibida na SIC.

No teatro protagonizou, em 2008, a peça "Navalha na Carne" de Plínio Marcos – que vai ser reposta este ano – com encenação de António Terra, no Teatro Amélia Rey Colaço. Nesse ano foi distinguida com o prémio Bernardo Santareno como atriz revelação.

Também no cinema Cláudia Semedo tem dado provas das suas capacidades. Integrou o elenco da longa-metragem O crime do Padre Amaro, realizado por Carlos Coelho



A aluna, Cláudia Semedo, nos estúdios de rádio da Escola Superior de Comunicação Social

Cláudia Semedo filma em Moçambique



Fotos de João Costa (Funcho)
Cortesia Fado Filmes

CLÁUDIA Semedo orgulha-se de ter sido seleccionada para integrar o elenco do filme “O último voo do flamingo” uma adaptação do romance do escritor moçambicano Mia Couto. Durante três meses, de Maio a Julho do ano passado, esteve em Moçambique onde decorreram as filmagens da longa-metragem realizada por João Ribeiro. O convite surgiu da produtora portuguesa Fado Fil-

mes e a actriz superou as provas de um “longo processo de castings”, diz Cláudia Semedo para conquistar o papel de Tempurina. A personagem que exigiu um longo processo de caracterização, cerca de três horas, tinha dezanove anos de idade e aparentava ter um rosto de idosa, resultado de um feitiço por não ter casado na altura devida.

No papel de Tempurina, Cláudia Semedo constituía o par romântico

do protagonista, um militar italiano que, no final da guerra civil em Moçambique, viaja para o país com o objectivo de investigar a morte misteriosa dos capacetes azuis da ONU que controlavam o processo de paz.

Num mundo de personagens reais e fantásticas, de vivos e de mortos, o filme está rodeado de mistério. “Uma experiência verdadeiramente fabulosa!”, diz a actriz.

da Silva. Recentemente esteve em Marracuene, Moçambique, durante três meses, a filmar a longa-metragem O último voo do Flamingo, uma adaptação do romance do escritor Mia Couto. A realização esteve a cargo de João Ribeiro.

A experiência profissional da actriz não fica por aqui. Deu voz a personagens de séries conhecidas televisivas como Hannah Montana, e participou em vários anúncios publicitários, alguns deles para grandes marcas como a TMN e a Vodafone.

Desempenhou funções de repórter e redactora no programa Catarina.com dirigido por Catarina Furtado.

Até ao momento o curso de jorna-

Até ao momento o curso de jornalismo está a corresponder às expectativas de Cláudia Semedo

lismo está a corresponder às expectativas de Cláudia Semedo. A aluna não deixa de elogiar as instalações e os

equipamentos existentes na escola. Assídua às aulas, a disciplina Análise de Dados é a que menos se identifica. Já Língua e Expressão do Português, leccionada por Jorge Trindade, está a “adorar”, diz a aluna satisfeita.

Os trabalhos de grupo é que não faziam, há já muito tempo, parte da sua rotina. Crente que a vida “nos responde mediante o grau de envolvimento e esforço” Cláudia Semedo empenha-se a cem por cento no curso de jornalismo e em todos os seus projectos profissionais. Sem dúvida um exemplo a seguir.

Escola do IPL acolhe 9.^a Arte

Festival Internacional BD volta ao Teatro e Cinema

A Escola Superior de Teatro e Cinema voltou a acolher em 2009 o Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora. Nesta 20.^a edição do reputado certame, o destaque vai para José Ruy, o decano desta chamada 9.^a Arte, autor de um conjunto de trabalhos a que deu o nome de "Riscos do Natural".

Textos de Paulo Silveiro • Fotos de Sofia Gomes



O artista José Ruy com o secretário da Escola Superior de Teatro e Cinema, José Fazenda

PELO segundo ano consecutivo, a Escola Superior de Teatro e Cinema aderiu e integrou-se no Festival Internacional de Banda Desenhada da cidade da Amadora, ao acolher uma mostra intitulada "Riscos do Natural" do consagrado artista José Ruy. Esta é uma exposição itinerante do Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem, a que o autor doou todo o seu acervo, que reúne cerca de

cinco mil originais entre apontamentos e pranchas.

A exposição "Riscos do Natural" resulta dos croquis que o autor, José Ruy, fez, entre 1948 e os anos oitenta, de aspectos naturais, como os estudos de animais do jardim zoológico, dos cavalos da escola do exército e mesmo da figura humana, que precisam de ser estudados e observados.

O autor não gosta de desenhar a partir de fotos ou gravuras, considerando esse método como um trabalho em segunda mão, prefere ir à origem e estudar a figura ao natural para alcançar o maior realismo possível, foi assim que nasceram os "Riscos do Natural".

Com 79 anos de idade, e 65 de carreira, publicou o seu primeiro álbum aos 14 anos no jornal infantil o

«Papagaio» José Ruy entende que se tem assistido nos últimos anos a uma evolução importante da Banda Desenhada. De facto, é consensual a constatação de que autores como António Fazenda e Luís Louro fazem hoje parte de uma nova geração cujo traço e técnicas trazem uma inovação no mundo da Banda Desenhada. Também ao nível dos conteúdos se assiste à abordagem de novos temas, principalmente os centrados em ambientes fantásticos, que são mais fáceis de abordar porque se pode criar tudo de raiz. Aqui a banda desenhada está em paralelo com o cinema e o teatro, no estudo que é necessário realizar no enquadramento temporal da acção.

Os temas históricos exigem um maior estudo ao nível dos trajes, lu-

gares e costumes utilizados na época, o que para José Ruy, se torna mais aliciante ao tentar ser fiel ao ambiente histórico.

O presidente do Conselho Directivo da Escola Superior de Teatro e Cinema congratulou-se com a segunda participação da escola no Festival de BD. Para Filipe Oliveira a exposição veio captar de novos públicos para estas iniciativas artísticas sendo igualmente uma mais-valia para os alunos que, através dos desenhos de José Ruy, puderam encontrar pontos de contacto com as matérias que lhes são ministradas nos cursos de teatro e cinema, no estudo dos trajes e ambientes históricos.

O vereador da cultura da Câmara Municipal da Amadora, António Moreira, ele próprio um artista que já expôs na Escola de Teatro e Cinema, congratulou-

se com esta segunda participação da Escola no Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, facto que vem reforçar a posição da ESTC como um parceiro privilegiado da Câmara para a realização de eventos culturais.

Para Nelson Dona, o director do Festival esta segunda participação da ESTC no Festival de BD é uma aposta ganha. Pretendia-se envolver no festival, as instituições que mostrassem capacidade para atrair e formar novos públicos, facto que a Escola de Teatro e Cinema, como instituição de Ensino Superior se sente particularmente orientada, cumprindo assim um dos seus objectivos, o de contribuir para a formação cultural de jovens. Para Nelson Dona, esta é uma parceria que tem condições para continuar no futuro.

A técnica do artista José Ruy

OS TRABALHOS de José Ruy são feitos a lápis sendo depois passados a tinta-da-china. No que respeita à cor, até meados do século passado era feita independentemente do traço. Os originais eram fotografados para poderem ser impressos, e numa prova a partir daí era feita a aguarela. Com a evolução da tecnologia no parque gráfico já começou a ser possível colorir em cima do traço preto, que é a técnica utilizada por José Ruy até ao início do ano de 2009, a partir do qual passou a utilizar o sistema digital nas cores. Mas a verdadeira arte de José Ruy está no traço. Quando aborda temas como o "Auto da Barca do Inferno" vemos uns traços negros, vincados cheios de força, mas quando se observam as ilustrações dos Lusíadas vemos uns traço leves que retratam o etéreo e que parecem sair das margens.

O desenhador, que nasceu na Amadora, considera o Festival Internacional de Banda Desenhada que ali se realiza um evento "fundamental" para que os autores de todo o mundo possam discutir e mostrar o que fazem. O pressuposto é que é na discussão de ideias diferentes e na observação do que se faz lá fora



que a banda desenhada portuguesa pode evoluir e vingar como uma arte.

Houve um tempo em que a banda desenhada era considerada uma arte menor. O preconceito assentava na ideia que as crianças não desenvolviam a capacidade de ler porque só viam os desenhos. José Ruy considera que a Banda Desenhada, como qualquer outra arte é importante no desenvolvimento dos jovens. O autor procura através deste meio divulgar obras de grande valor cultural, como por exemplo fez com os Lusíadas, de uma forma

menos densa e mais compreensível aos jovens. Para além de Camões José Ruy abordou nesta forma a "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto que foi escolhido em 1983 pela International Board on Books for Young People, para integrar a Exposição Internacional de Bratislava, assim como cinco autos de Gil Vicente e o "Bobo" de Alexandre Herculano. O objectivo é tornar acessível a miúdos e a graúdos estas obras que geralmente estão conotadas como sendo muito difíceis de ler e interpretar.

O autor José Ruy

Aristides de Sousa Mendes:

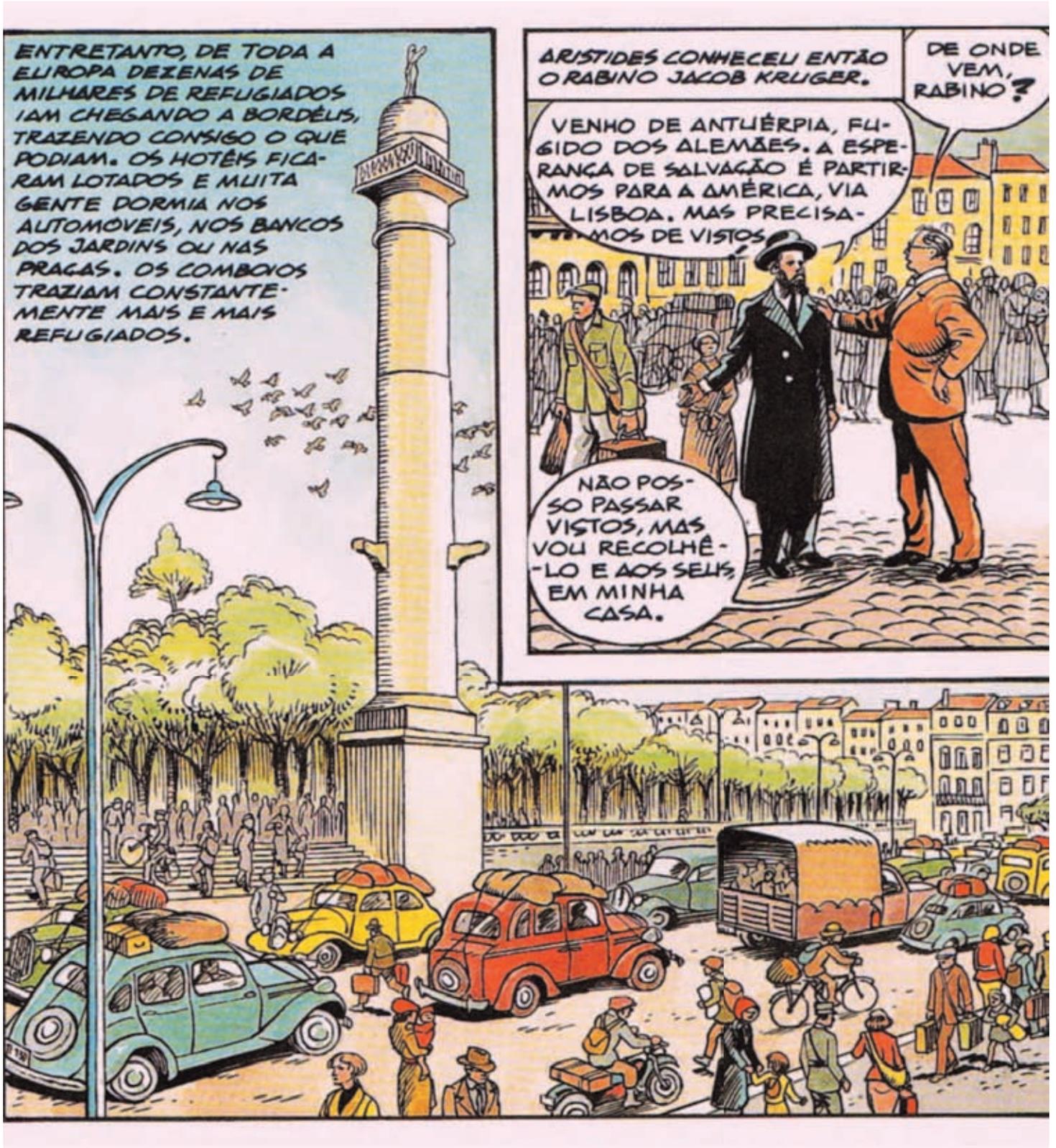


Aristides de Sousa Mendes e esposa

DEPOIS de algumas apresentações sobre a minha Banda Desenhada na Biblioteca Museu República e Resistência, o seu Director na altura, Dr. João Mário de Mascarenhas, propôs-me que fizesse um trabalho sobre o Cônsul Aristides de Sousa Mendes para imprimir e distribuir pelas escolas. Preparei-me devidamente e fiquei então fascinado pela figura e pelo gesto prodigioso deste herói. Contactei a família mais próxima, os seus netos Dr. António Moncada de Sousa Mendes e o Major Álvaro de Sousa Mendes que me forneceram toda a documentação iconográfica indispensável, indicações que não estavam registadas nos livros publicados. Foi uma experiência muito gratificante, que nos uniu numa amizade sólida. Depois dessa primeira versão, modesta mas rigorosa, publicada em português e inglês preparei o livro a quatro cores em formato normal que foi lançado pela Âncora Editora em 2004. Durante uma exposição dos originais da Banda Desenhada que teve lugar na Biblioteca Museu República e Resistência, foi sugerida uma edição para Israel onde o Cônsul é distinguido e recordado com grande reconhecimento pelo seu gesto altruísta, salvando onze mil judeus, dos muito mais de trinta mil refugiados que acorreram ao consulado português, em Bordéus, aquando da Segunda Guerra Mundial.

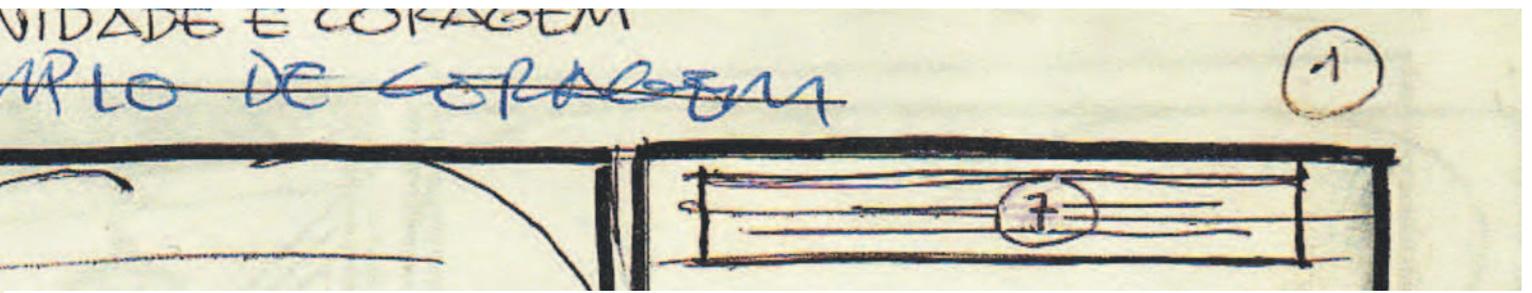
O embaixador de Israel em Lisboa aceitou a ideia com muito agrado, examinou minuciosamente os desenhos e enviou para o «Yad Vashem» Museu do Holocausto em Jerusalém para serem verificados todos os dados históricos. Aprovado totalmente o trabalho, decidiram traduzir a obra para hebraico, que acompanhei devidamente, editá-la e distribuí-la. Foi aliciante a alteração da ordem de leitura das vinhetas, da direita para a esquerda, pois os judeus, tal como os árabes é nesse sentido que lêem. Por isso tive de remontar todos os quadinhos e tratar da sequência dos balões, pois as perguntas na boca das personagens não podiam ser lidas depois das respostas. Mas foi indiscutivelmente gratificante. Quando visitei o Museu Yad Vashem, verifi-

na primeira pessoa um herói português



ARISTIDES DE SOUSA MENDES - HUMOR
UM EXER

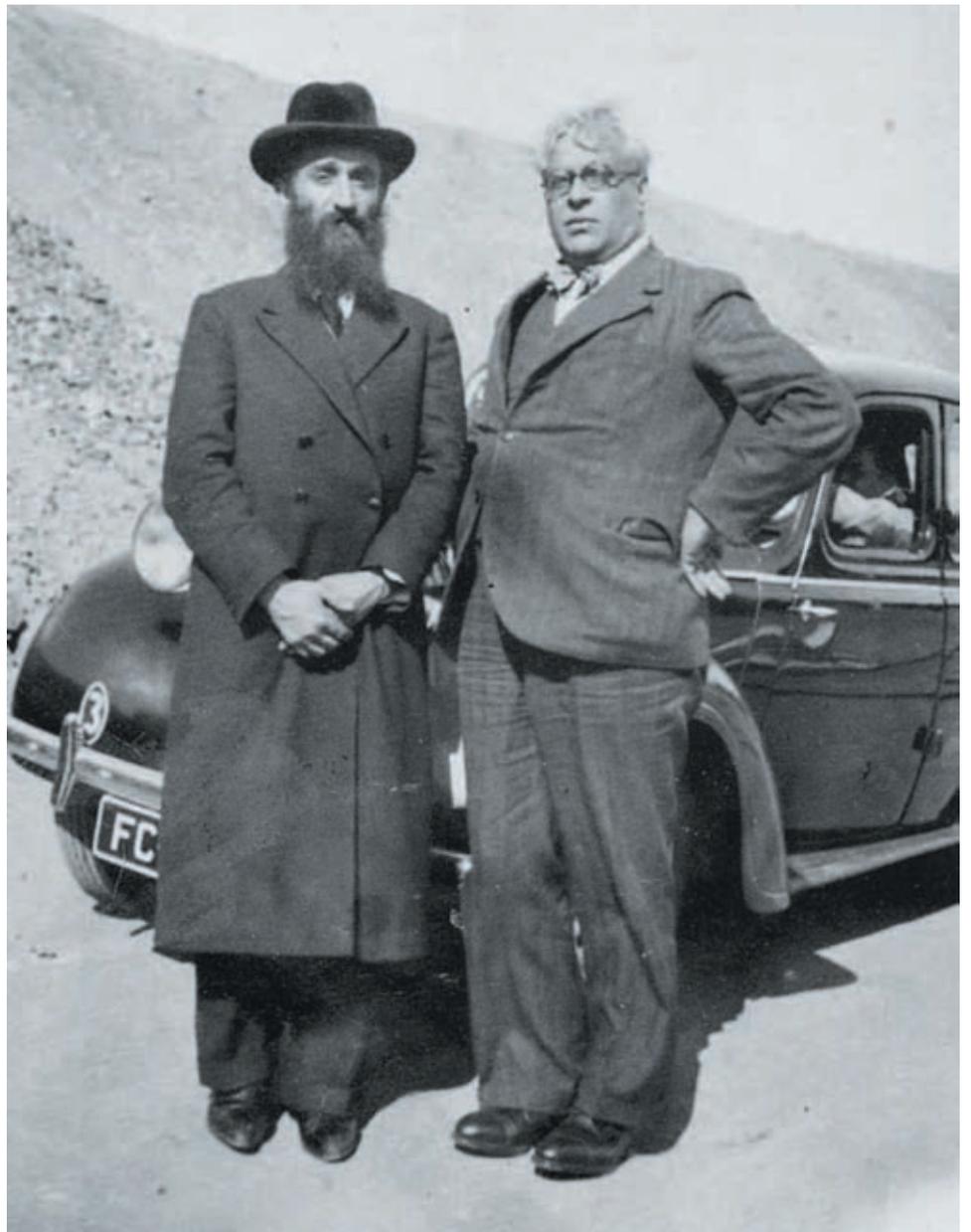




quei o destaque em que se encontra o meu livro e o interesse do público jovem, e não só, pela edição.

Também ao percorrer as tenebrosas instalações de «Auschwitz», na Polónia, um frio mortal se apoderou de mim, talvez o mesmo que Aristides de Sousa Mendes sentiu quando o Rabino Kruger lhe deu conta, em 1940, da existência dos macabros campos de concentração, campos de morte e extermínio em massa. Por isso ele decidiu, à revelia das ordens do governo de Lisboa na altura, que o proibia de passar vistos aos refugiados que pretendiam usar o porto de Lisboa para tomarem navios que os levassem para os Estados Unidos, tomar a responsabilidade desse acto, pois não podia ficar impassível e deixar que mulheres, crianças, velhos e homens de valor fossem exterminados pelas tropas nazis. E por isso foi tão cruelmente castigado, tanto ele como toda a sua família que teve de emigrar para sobreviver. A Banda Desenhada que fiz foi mais uma homenagem a este herói injustiçado por ter decidido actuar humanitariamente.

Este meu trabalho tem muito a ver com o Teatro e tudo a ver com o Cinema. Porquê? A construção do argumento poderia ser utilizada numa peça de teatro. De resto o próprio neto do herói, António de Sousa Mendes, levou à cena em 1996, no teatro de Portalegre, uma peça de sua autoria sobre o gesto do avô; três anos mais tarde Luiz Francisco Rebello escreveu igualmente uma peça que foi representada no Teatro Experimental de Cascais e no Teatro da Trindade. Por outro lado, os planos que criei na narrativa da Banda Desenhada aproximam-se da técnica do cinema, como se pode verificar. No fundo acho que há uma grande analogia na planificação de um tema para BD, Teatro ou Cinema. Depois, os estudos das personagens, a pesquisa para o rigor dos trajes e dos ambientes históricos são convergentes para uma apresentação digna e responsável ao público leitor ou espectador.



Aristides de Sousa Mendes com um dos judeus que ajudou a salvar da morte

Por isso achei oportuno fazer uma apresentação deste meu trabalho na Escola Superior de Teatro e Cinema, cujas instalações visitei atentamente e me deixou orgulhoso por ter na Amadora, minha terra natal, um estabelecimento de ensino tão bem equipado e com estudantes que se comportam já como verdadeiros profissionais.

A minha saudação muito sincera ao corpo docente e a todos os alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema, com um grande reconhecimento pela actualização espectacular que me dedicaram aquando da minha palestra em Outubro de 2009.

Texto de José Ruy

É assim que se faz a formação espiritual

“Contos com Música Música com Contos”

A evidência de que os hábitos de consumo intelectual, mormente da variada e rica oferta artística de hoje em dia, e em particular da música erudita, não surgem do nada, teima em demorar a inculcar-se nas políticas educativas e culturais do nosso país. No entanto, felizes exceções começam lentamente a abrir caminho por entre hábitos atávicos e concepções erradas daquilo que deve ser a formação espiritual do ser humano. O exemplo vem da Academia de Música de Viana do Castelo.

Textos de Sérgio Azevedo



O espectáculo "História de uma gaivota e do gato que a ensinou a voar"

INSTITUIÇÕES como a Casa da Música, a Fundação Calouste Gulbenkian, entre outras, possuem já departamentos educativos, embora a maioria das nossas orquestras ainda esteja longe de emular os exemplos lá de fora.

Efectivamente, basta um clique do rato e uma ida ao universo virtual para percebermos que aqui perto, em Espanha, França e, sobretudo, em Inglaterra, não existe praticamente uma orquestra, ensemble ou

mesmo grupo de câmara estabelecido que não possua, ou um departamento educativo, ou uma parceria de colaboração com alguma instituição (câmara municipal, teatro, fundação, etc.) que actue nesse sentido.



O actores Marcoantonio Del Carlo e Joana Solnado na estreia do conto musical "A lágrima e a estrela"

A Academia de Música de Viana do Castelo (AMVC), e especialmente a sua directora, professora Carla Barbosa (a cabeça visível de uma equipa notável), é um desses casos de presciência e rigor que aos poucos têm contribuído para a mudança do panorama educativo, nomeadamente em zonas carenciadas de oferta cultural e de acesso a concertos e actividades musicais de alto nível. O projecto Contos com Música...Música com Contos (começado em 2003), projecto que este artigo pretende divulgar, é um dos mais interessantes, completos e atractivos que têm surgido em Portugal nos últimos anos, e o mais significativo é o ter surgido numa escola de música e não numa instituição poderosa, com grandes potencialidades logísticas e financeiras, como as já mencionadas Gulbenkian e Casa da Música, que têm levado a cabo os seus próprios e meritórios projectos educativos.

Embora este projecto possua mais que uma vertente, a mais ori-

ginal e importante faceta consiste, em meu entender, na encomenda e criação de contos musicais narrados sobre textos de grandes escritores vivos a compositores portugueses das recentes gerações. Estas peças são estreadas depois de alguns meses de preparação das crianças que irão assistir à estreia (os textos são divulgados nas aulas, fragmentos da música são dados a conhecer, as crianças fazem desenhos e compo-

sições sobre a história, estudam os instrumentos a usar, etc.), que desse modo se familiarizam com o espectáculo a que irão assistir (assimilando melhor do que aquilo que seria possível assimilar numa única audição não preparada), e a regularidade da iniciativa aumenta o poder chamativo da mesma, estando mais do que provado que qualquer oferta cultural de alto nível (exceptuando fenómenos mediáticos pontuais e amplamente

Quem é Carla Soares Barbosa

Mestre em Ciências Musicais pela Faculdade Letras da Universidade de Coimbra, Carla Soares Barbosa possui o Curso Superior Piano e uma Pós-Graduação em Gestão Cultural pela Universidade de Barcelona. É Presidente da Direcção da Academia de Música de Viana do Castelo e Directora da Escola Profissional de Música de Viana do Castelo. Ao longo dos últimos 30 anos tem estado particularmente li-

gada ao ensino vocacional da música e ao desenvolvimento de projectos artísticos, em Viana do Castelo e na região do Alto-Minho. É autora e responsável pela direcção artística de vários projectos artísticos, com destaque para "Contos com música .. Música com contos". Foi agraciada com a comenda da Ordem de Mérito, em 2008, pelo Senhor Presidente da República, como reconhecimento dos serviços prestados ao país.

Um caso exemplar



O conto musical "Estórias de mil gotas de sonhos"

publicitados) só ganha se alicerçada em bases regulares. Os espectáculos são em geral em número de cinco, em salas previamente acordadas, em Viana do Castelo, Paredes de Coura, Ponte de Lima e Vigo, Espanha, graças à parceria com o Conservatório daquela cidade. Os músicos são na sua grande maioria professores, ex-alunos, ou ex-professores da AMVC, o que resulta numa comunhão afectiva muito grande entre todos os intervenientes do projecto.

Até ao momento, 2010, foram (ou irão ser) apresentadas as seguintes obras, três das quais com autoria musical de pessoas ligadas à ESML, Pedro Faria Gomes (ex-aluno da ESML e meu aluno de Composição), e eu próprio, Sérgio Azevedo, professor nessa escola desde 1993:

1. Conto Musical "Como se faz cor de Laranja" com música de Pedro Faria Gomes e texto de António Torrado. Estreia a 23 de Março de 2007 no Teatro Diogo Bernardes, em Ponte de Lima, pelo FAM Ensemble, com narração de José Lourenço, sob direcção musical de Cesário Costa.

2. Conto Musical "A Lágrima e a estrela" sobre o conto "O fazedor de

luzes" do escritor moçambicano Mia Couto, com música de Fernando C. Lapa. Estreia a 29 de Março de 2008 no Teatro Municipal Sá de Miranda, pelo FAM Ensemble, com narração de Joana Solnado e Marcantonio Del Carlo, sob direcção musical de Javier Viceiro e direcção de actores de José Martins.

3. Fábula Musical "História de uma Gaivota e do Gato que a ensinou a Voar", música de Sérgio Azevedo sobre o texto homónimo do escritor chileno Luís Sepúlveda. Estreia a 13 de Fevereiro de 2009 no Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo pelo FAM Ensemble, com narração de Tiago Fernandes, sob direcção musical de Javier Viceiro.

4. Conto musical "Estórias de mil gotas de sonhos" sobre "Ynari, a menina das cinco tranças" do escritor moçambicano Ondjaki, com música de Jean-François Lézé. Estreia a 19 de Novembro de 2009 no Teatro Municipal Sá de Miranda, em Viana do Castelo pelo FAM Ensemble, com narração de Daniel Martingo, sob direcção musical de Javier Viceiro.

5. Conto musical "Os Gnomos de Gnu" sobre "Os Gnomos de Gnu" de

Umberto Eco, com música de Sérgio Azevedo. A ser estreada em 2010, pelo FAM ensemble dirigido por Javier Viceiro.

A grande afluência de público e o entusiasmo com que esta iniciativa tem sido recebida em todas as suas edições (apoiadas regularmente pela DGArtes, prova da qualidade do projecto) revelam que a qualidade e o empenho podem compensar. A união de boa música moderna, de grandes textos que apelam à imaginação das crianças sem para isso contemporizar com paternalismos serôdios, ou pedantismos didácticos, o contacto com os criadores, os intérpretes (músicos e narradores) e as crianças, e a simbiose fascinante da música, da palavra e da imagem, são factores que decerto contribuem para que a maior parte destas crianças passe por uma vivência única e privilegiada.

O próximo passo, e certamente o mais ingrato, será interessar os "media" portugueses (jornais, rádios e televisões) por estes espectáculos, tarefa sempre difícil num tempo em que mais facilmente se destaca toda uma equipa de reportagem para cobrir a história de uma senhora em Arrais de Baixo que afirma receber mensagens de Lady Di, do que para relatar aquilo que verdadeiramente interessa, isto se não quisermos terminar com o pouco que já resta da grande civilização que Platão, Toqueville, Goethe, Beethoven, Gandhi, Einstein e tantos outros pensadores, artistas, filósofos, religiosos e cientistas nos legaram, civilização que estamos, paulatinamente, a esquecer de vez, em favor de uma vida de consumo condicionado.

O projecto Contos com Música... Música com Contos é um dos antídotos possíveis contra a estupidez bovina que nos é diariamente inculcada. Um cidadão pensante é um cidadão incómodo para qualquer Poder que se encontre corrompido ou que aspire ao totalitarismo, e estas obras induzem as crianças a pensar, logo, indu-las a questionarem a vida e os seus actores e ideias. Como alguém que já contribuiu duas vezes para o projecto, sinto-me orgulhoso de assim contribuir para um mundo eventualmente mais livre, justo e harmonioso.

Instalações Eléctricas de Baixa Tensão

O enorme interesse que a Direcção Geral de Energia e Geologia e à Associação Certificadora de Instalações Eléctricas, demonstraram pela exploração do tema da segurança das instalações eléctricas e baixa tensão conduziram à co-edição de um importante Manual Técnico no campo da literatura especializada. Professores, alunos e técnicos poderão, com o trabalho de um professor do ISEL, aprender mais quanto à “normalização” do sector eléctrico.

Texto de Bruna Viegas



RESULTANTE de uma actividade de investigação, pesquisa e desenvolvimento do sector eléctrico, o Engenheiro Electrotécnico e professor do ISEL, Constantino Vital Sopa Soares, elaborou um Manual Técnico, “Instalações Eléctricas de Baixa Tensão”, com o total apoio de entidades como a DGEG e a Certiel. O seu objectivo enquanto técnico Responsável de Instalações Eléctricas e como tal, conhecedor profundo desta matéria, foi o de contribuir para a melhoria da qualidade e da segurança das instalações eléctricas em Portugal.

O presente Manual divide-se em cinco capítulos, o primeiros quais,

designado por Generalidades. Aqui são feitas algumas considerações de carácter geral sobre a qualidade nas instalações eléctricas em Portugal, o seu enquadramento na normalização de referência internacional. No Capítulo 1, Regras e Técnicas das Instalações Eléctricas de Baixa Tensão – RTIEBT, que aludem às motivações e as “obrigações” europeias que conduziram à realização do vasto documento regulamentar.

O autor, Constantino Soares é Engenheiro Electrotécnico, pelo Instituto Superior Técnico e, Engenheiro Técnico de Energia e Sistemas de Potência, pelo Instituto

Superior de Engenharia de Lisboa. É professor coordenador do ISEL, no seu Departamento de Engenharia Electrotécnica e Automação, no qual é responsável pela secção de Utilização de Energia. Tem ampla experiência na área das instalações eléctricas, sendo o responsável por parte do Centro de Instrumentação e Controlo do ISEL. Desenvolveu também actividade de projecto, de gestão e coordenação de obras, de consultoria e de responsável pela exploração de estabelecimentos industriais, nas áreas de instalações eléctricas e da protecção contra descargas atmosféricas.

Contabilidade e Gestão



A Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas - COTC

continua a publicação da sua Revista, dando espaço à análise e investigação na área da contabilidade, gestão e fiscalidade. A publicação, de periodicidade semestral, Contabilidade e Gestão, resulta de uma parceria científica com a Associação dos Docentes do Ensino Superior, sendo o seu director, António Domingues Azevedo, presidente da Direcção da CTOC. A revista conta sempre com a participação de vários especialistas nacionais e in-

ternacionais da área, que funcionam como referees que filtram os artigos submetidos para publicação. A revista contém artigos em várias línguas, resultantes da investigação realizada nas diferentes universidades e institutos politécnicos portugueses. O objectivo é, acima de tudo, a qualidade e pertinência dos artigos publicados, que de alguma forma contribuam para literatura, quem o diz é Lúcia Lima Rodrigues, presidente do Conselho Editorial da Revista Científica. Um

dos seus objectivos estabelecidos é o de publicar investigação de qualidade produzida nos diferentes mestrados e doutoramentos na área da Contabilidade e acolher trabalhos de investigadores de outros países, sobretudo quando provenientes de cooperação com investigadores nacionais. É função da revista "Contabilidade e Gestão" privilegiar a qualidade de forma aberta e flexível, independentemente dos paradigmas, metodologias e seus estilos de elaboração.

Comunidades de Aprendizagem

“Prática Pedagógica Sustentada: Cruzamento de saberes e competências” é a mais recente obra editada pela Coleção Caminhos do Conhecimento do Instituto Politécnico de Lisboa. Da autoria de Teresa Vasconcelos, professora na Escola Superior de Educação de Lisboa, a obra, baseia-se no Relatório de Disciplina para prestação de provas de agregação à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. A autora das questões da supervisão pedagógica e da prática pedagógica na formação de professores apresentado propostas de mudança.

Texto de Clara Santos Silva

A EDUCAÇÃO e as suas bases desde a infância são e continuarão a ser um tema premente da sociedade. Numa altura em que se fala da formação e da falta de valorização da escola, a mesma deixou de ser um centro de saber unificado para passar a estar rodeada de outras formas de saber como o são os meios de comunicação, quem o diz é Teresa Vasconcelos, com base na sua vasta experiência enquanto educadora e estudiosa desta matéria.

Na cerimónia de lançamento do livro, presidida pelo presidente do Instituto Politécnico de Lisboa, coube às oradoras Maria do Céu Roldão e Cristina Loureiro a sua apresentação. A autora, professora, e presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Educação de Lisboa, não deixou de referir o cruzamento de saberes envolvido, considerando o livro como tendo multi-autores, dos quais foi apenas a porta-voz.



Foto de Pedro Pina

Teresa Vasconcelos

A professora Teresa Vasconcelos dá a conhecer na obra todo o seu trabalho enquanto coordenadora de um seminário inter/multidisci-



plinar de apoio à prática profissional das licenciaturas em educação de infância da instituição onde leciona. O mesmo passou pelo envol-

33.º aniversário da Univ. dos Açores



O ano de 2009 marca os trinta e três anos da Uni-

versidade dos Açores, assinalados com a publicação de mais um livro comemorativo. Na publicação são reunidos os registos fundamentais, tais como, o discurso reitoral, a oração de sapiência e um apontamento sobre o espectáculo musical da sessão solene.

No seu discurso, o Reitor, Avelino de Freitas de Meneses, dá enfoque à missão da Universidade dos Açores, consagrada pelos seus novos Estatutos, entretanto publicados, mas também à sua

inserção geográfica que lhe confere a grande responsabilidade no desenvolvimento integral do arquipélago. Assim, o Reitor faz alusão à incumbência da criação de um saber de aplicação geral, que enquadra uma atitude de abertura assente numa política de cooperação com instituições universitárias e culturais do País e do estrangeiro. Não deixa de mencionar questões prementes na actualidade como a Reforma do Ensino Superior, o Processo de

Bolonha, O Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior e o Estatuto da Carreira Docente.

Mereceram ainda destaque por parte de Avelino de Meneses, os objectivos primordiais da Universidade que dirige e as dificuldades que se avizinham em termos de financiamento.

A lição de sapiência foi conferida a Rosa Maria Baptista Goulart, professora catedrática da Universidade dos Açores, no Departamento de Línguas e Literaturas Modernas.



Foto de Pedro Pina

Na cerimónia de lançamento do livro, da esquerda para a direita: Maria do Céu Roldão, Cristina Loureiro, Vicente Ferreira e Teresa Vasconcelos

vimento de vários formadores com diferentes especialidades.

A autora possui uma vasta experiência no sector da educação tendo já exercido funções como Educadora de Infância. É Doutorada em Ciências da Educação, pela Universidade de Illinois, com especialização em educação pré-escolar e elementar e Mestre em Supervisão Educacional pelo Bank Street College of Education, em Nova York. Chegou a ser Directora - Geral de Educação Básica do Ministério da Educação entre 1996 e 1999 e coordenadora do Gabinete Inter-

ministerial para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar. Conta já no curriculum com a autoria de, obras como “Ao Redor da Mesa Grande: Prática Educativa de Ana e “Das Casas de Asilo ao Projecto de Cidadania: Políticas de expansão da educação de infância em Portugal”.

Pôde realizar pelo seu percurso, um trabalho de profunda pesquisa sobre toda a temática envolvendo a supervisão pedagógica e prática pedagógica na formação de professores. Partindo também de trabalhos realizados recentes realizados

a nível internacional, a autora propõe alterações no conceito do seminário ajustadas à nova formação de professores segundo as directivas do Processo de Bolonha.

A autora considera que no futuro, as instituições de ensino superior terão um novo papel no apoio às escolas e jardins-de-infância. Esta mudança permitirá a realização de práticas que farão surgir “comunidades de aprendizagem”, nas quais formadores, estudantes e profissionais se formem uns aos outros numa dinâmica interactiva e colaborativa.

Finanças Públicas e Direito Fiscal



ESTÁ já disponível o n.º 2, do Ano II, da Revista de

Finanças Públicas e Direito Fiscal. Sendo uma publicação do Instituto de Direito Económico Financeiro e Fiscal - IDEFF, o seu objectivo é o enfoque de temas da actualidade, sob o ponto de vista da análise crítica de jurisprudência, com ampla informação na área fiscal e financeira. A revista de Finanças Públicas e Direito Fiscal conta também com comentários a uma série de livros, nesta última edição, com incidência nos autores presentes na Conferência sobre as Relações

Económicas entre Portugal e a União Europeia.

O editorial da revista, a cargo do presidente do IDEFF, Eduardo Paz Ferreira, foi especialmente dedicado aos contornos da crise económica e financeira.

Acima de tudo é lançado um alerta para as dificuldades esperadas em 2009 e, o esforço redobrado que será exigido a todos, em resposta aos profundos e inquietantes desafios, com os quais se defronta a economia, associados aos graves problemas sociais.

Na publicação faz-se referência aos decisores financeiros, dos quais se espera serenidade, sabedoria, competência e capacidade de prosseguir o interesse público, base e sustentáculo da democracia representativa. Esta edição da Revista de Finanças Públicas e Direito Fiscal não esquece o importante papel dos académicos e profissionais como coadjuvantes no apoio e nas decisões que derivam das suas “reflexões desapaixonadas”.

Psicologia na Saúde

A Colecção Caminhos do Conhecimento do Instituto Politécnico de Lisboa, na sua mais recente edição, conta com uma obra na área da Psicologia da Saúde. "Vivência Parental da Doença Crónica", assim se chama a mais recente publicação, é da autoria de Margarida Santos, professora da Escola Superior de Tecnologia da Saúde, através da sua tese de doutoramento foca essencialmente a adaptação parental à doença crónica.

Texto de Margarida Jorge

O INSTITUTO Politécnico de Lisboa continua a enriquecer a sua Colecção Caminhos do Conhecimento, com a adaptação de teses de doutoramento e mestrado dos professores das várias escolas.

A primeira obra na área da Saúde ficou a cargo de Margarida Santos, cuja tese de doutoramento em Psicologia, especialidade de Psicologia da Saúde, dá a conhecer, numa primeira a importante questão da adaptação parental à doença crónica.

A autora é professora da área de Psicologia da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, sendo directora do Departamento de Ciências Sociais e Humanas. Margarida Santos é doutorada e licenciada em Psicologia, e mestre em Psicoterapia e Psicologia da Saúde. Tem vasta experiência no acompanhamento de casos clínicos, sendo autora de vários artigos científicos no campo da parentalidade e sua adaptação à doença crónica.



Margarida Santos

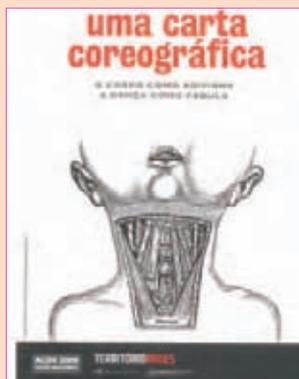


A autora foca, na obra, temas de ressaltada relevância na psicologia. Na segunda parte da obra, Margarida Santos apresenta um estudo qualitativo que, baseado nos depoimentos de mães de crianças com fibrose quística e com diabetes. O tratamento desta informação permitiu um maior conhecimento da sua

experiência, das suas necessidades e expectativas quando procuram algum tipo de ajuda nos serviços de saúde.

A autora caracteriza a obra como sendo dedicada aos pais que vivem a realidade da doença crónica dos filhos e aos profissionais de saúde que acompanham todo o processo destas famílias.

O Corpo como Adivinha e a Dança como Fábula



A publicação Território Artes, promovida pela

Direcção-Geral das Artes e pelo Ministério da Cultura, publicou em 2009, uma edição resultante de uma iniciativa em articulação com a maioria dos Municípios Portugueses.

A Acção de Grande Envolvimento Nacional – AGEN 2009 constituiu o ponto de partida para um olhar sobre o movimento, o corpo e a dança.

No âmbito do Programa Território Artes, foi dada a possibilidade a todos os Municípios do país, de inau-

gurarem em simultâneo a Exposição “Uma Carta Coreográfica”, que deu nome à última publicação divulgada. Ao todo foram duzentos os municípios envolvidos na AGEN 2009. O Ministério da Cultura disponibilizou aos participantes um total de 1800 exposições. A exposição em forma de carta foi concebida pela coreógrafa Madalena Victorino, responsável pelo Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém. “Uma Carta Coerográfica”

foi organizada em dois conjuntos temáticos, ou antes, “duas estações”. Na primeira das estações – “o corpo adivinha”, celebra-se a forma expressiva do corpo e, como este transporta consigo sentimentos escondidos, através dos seus movimentos, gestos, posturas e olhares. Na segunda estação – “a dança como fábula”, é retratado o espaço onde o movimento perde a sua funcionalidade. Assim, o movimento transforma-se em ficção e em dança.